UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JEFFERSON BAPTISTA DOS SANTOS

**Produção audiovisual em contexto de vulnerabilidade como prática educativa
libertadora**

São Paulo
2019

JEFFERSON BAPTISTA DOS SANTOS

Produção audiovisual em contexto de vulnerabilidade como prática educativa libertadora

Versão Corrigida

(Versão original encontra-se na unidade
que aloja o Programa de Pós-graduação)

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação da
Universidade de São Paulo, na área
temática Estado, Sociedade e Educação,
para obtenção do título acadêmico de
Mestre em Educação.

Área de concentração: Estado, sociedade
e educação.

Orientador: Prof. Dr. Roberto da Silva

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da FE/USP: Nicolly Soares Leite - CRB-8/8204

Bp Baptista dos Santos, Jefferson
 Produção audiovisual em contexto de
 vulnerabilidade como prática educativa libertadora
 / Jefferson Baptista dos Santos; orientador Roberto
 da Silva. -- São Paulo, 2019.
 118 p.

 Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
 Estado, Sociedade e Educação) -- Faculdade de
 Educação, Universidade de São Paulo, 2019.

 1. Pedagogia Social. 2. Socioeducação. 3. Arte-
 educação. 4. Educomunicação. 5. Tecnologia. I. da
 Silva, Roberto, orient. II. Título.

Nome: Jefferson Baptista dos Santos

Título: Produção audiovisual em contexto de vulnerabilidade como prática educativa libertadora.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

À minha querida e falecida tia Ruth de Andrade Souza, mulher, negra, pobre periférica que me introduziu no mundo da arte, da cultura, das ciências ocultas e foi a responsável por ensinar que eu poderia ser o que quisesse, fato determinante para que pudesse ser o ser humano que sou hoje.

Aos meus filhos Caio Henrique dos Santos e Zuri Malik Cunha Santos, por me ensinarem que, por mais difícil que a vida seja, sempre vale a pena viver.

À família Santos, por sempre acreditar em minha capacidade, força e inteligência, em momentos que eu não era capaz de acreditar em mim mesmo.

À minha companheira Sara Pereira pelas conversas trocadas sobre meu trabalho e pelo alento em minha vida.

RESUMO

Este projeto teve como objetivo implementar uma proposta de intervenção socioeducativa em que a produção audiovisual em contexto de alta vulnerabilidade pudesse atuar com uma prática educativa capaz de colaborar no aumento da autonomia, emancipação e liberdade de adolescentes e jovens da Zona Leste da cidade de São Paulo. Para tanto, foi realizado um planejamento audiovisual pautado nos paradigmas freirianos em diálogo com a teoria de Amartya Sen sobre desenvolvimento econômico como liberdade. Desta forma, foi realizada uma pesquisa de abordagem experimental, que contou com a pesquisa-ação como método e fez uso de diversos procedimentos de pesquisa pautados na Pedagogia Social, contando como práxis educativa a Educomunicação.

Palavras-chave: Pedagogia social; Socioeducação; Arte-educação; Educomunicação; Educação, tecnologia e hip-hop.

ABSTRACT

This project aimed at implementing a proposal for socio-educational intervention in which audiovisual production in a context of high vulnerability could act as educational practice able to assist in raising autonomy, emancipation and freedom of adolescents and young adults from the East zone of São Paulo. For this purpose, audiovisual planning was conducted, based on Freire's paradigms in connection with Amartya Sen's theory of economical development and freedom. Thus, research with experimental approach was carried out, which relied on research-action as method and made use of several research procedures based on Social Pedagogy, having Educommunication as educational praxis.

Keywords: Social pedagogy; Socio-education; Art-education; Educommunication; Education, technology and hip hop.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cor/Etnia, Gênero e Redes Sociais mais utilizadas	52
Figura 2 – Redes Sociais mais utilizadas pelos integrantes do grupo pesquisado	52
Figura 3 – Escolaridade - <i>Início da Pesquisa</i>	56
Figura 4 – Escolaridade - <i>Final da Pesquisa</i>	57
Figura 5 – Carteira de Trabalho - Início e Final da Pesquisa	57
Figura 6 – Autonomia, Dependência e Liberdade - <i>Início da Pesquisa</i>	59
Figura 7 – Autonomia, Dependência e Liberdade - <i>Final da Pesquisa</i>	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Plano de trabalho planejado	17
Quadro 2 – Calendário dos Encontros	20
Quadro 3 – Plano de trabalho executado (descrição complementar)	32
Quadro 4 – Datas de nascimento dxs integrantes do grupo e idade ao final do campo (2018)	58
Quadro 5 – Entendimento de Autonomia, Emancipação e Liberdade por parte de cada membro do grupo	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Grupo 1: Conjunto de palavras relacionadas à Autonomia	66
Tabela 2 – Grupo 2: Conjunto de palavras relacionadas à Emancipação	68
Tabela 3 – Grupo 3: Conjunto de palavras relacionadas à Liberdade	69

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Projeto de Pesquisa	14
1.2 Materiais e fontes de referências	16
1.3 Metodologia	16
1.4 Procedimento de pesquisa	17
<i>1.4.1 Considerações sobre o plano de trabalho planejado</i>	18
<i>1.4.2 Plano de trabalho executado</i>	19
<i>1.4.3 Considerações sobre o plano de trabalho executado</i>	20
1.5 Descrição do campo	21
1.6 Encontros educativos audiovisuais	24
1.7 Elaboração de narrativas audiovisuais	25
1.8 Fotografia e edição	27
1.9 Compromissos e responsabilidades	28
1.10 Encontros de produção audiovisual	28
1.11 Informações levantadas	31
1.12 Diário de campo – descrição dos encontros complementares	32
1.13 Considerações sobre as informações levantadas dos encontros complementares	40
2. PESQUISA-AÇÃO, ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL, ANIMA E DIÁRIO DE CAMPO: UMA POSSIBILIDADE METODOLÓGICA DE INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA	42
2.1 Anima e sua etimologia Bachelardiana	44
2.2 Confusão um caminho possível na luta pela libertação	46
<i>2.2.1 Reflexão sobre a caminhada</i>	46
<i>2.2.2 Palavras-chave selecionadas</i>	49
3. DADOS COLETADOS	52
3.1 Análise do perfil do grupo: Cor/Etnia, Gênero e Redes Sociais	52
3.2 Escolaridade e Emprego	56
3.3 Autonomia, Emancipação e Liberdade	59
<i>3.3.1 Definição sobre Autonomia, Emancipação e Liberdade</i>	64
<i>3.3.2 Decupagem de palavras-chave</i>	66

4. COMFUSÃO E EDUCOMUNICAÇÃO	71
4.1 O sonho, essência para a busca de horizontes libertadores	71
4.2 Valores Afro-brasileiros, <i>Comfusão</i> e Educomunicação: uma forma de interação possível para a produção de práticas educativas libertadoras	71
4.2.1 <i>Circularidade</i>	72
4.2.2 <i>Religiosidade</i>	73
4.2.3 <i>Corporeidade</i>	74
4.2.4 <i>Musicalidade</i>	75
4.2.5 <i>Memória</i>	75
4.2.6 <i>Ancestralidade</i>	77
4.2.7 <i>Cooperativismo</i>	77
4.2.8 <i>Oralidade</i>	78
4.2.9 <i>Energia Vital</i>	79
4.2.10 <i>Ludicidade</i>	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICES	88

1. INTRODUÇÃO

Entendendo que este trabalho, realizado entre 2016 e 2019, foi uma pesquisa-ação, conceito cunhado por David Tripp (2005) de investigação ação, cujo ciclo de investigação é previsto: planejar, implementar, descrever e avaliar. Tal premissa foi fundamental para refletir sobre as escolhas realizadas para a execução desta pesquisa.

É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação. (TRIPP, 2005, p. 445).

Ao observar minha trajetória como pesquisador, penso que a investigação aqui realizada tem início em meu trabalho de conclusão do curso de especialização em Educomunicação: Mídias, Comunicação e Educação, que intitulei como *RoteiroAção: uma proposta audiovisual educ comunicativa para adolescentes em medida socioeducativa de internação*, que teve como resultado a sistematização de uma metodologia de produção audiovisual para adolescentes em medida socioeducativa em privação de liberdade, executada pela instituição Fundação Casa no Estado de São Paulo.

No curso de mestrado, a metodologia *RoteiroAção: uma proposta audiovisual educ comunicativa para adolescentes em medida-socioeducativa de internação* contou com uma ampliação de seu escopo, tendo em vista sua utilização fora dos muros da Fundação Casa, instituição na qual, em minha especialização, pude ver mais de perto o conflito entre sua missão e sua função social.

Compreende-se que uma proposta metodológica para a juventude que funcione fora dos muros da Fundação Casa também funcionará dentro dos muros. Mas, que propostas metodológicas elaboradas dentro dos muros não funcionarão fora deles, necessariamente, tendo em vista o contexto de privação de liberdade como variante determinante.

Tomando a produção audiovisual em contexto de vulnerabilidade social como cerne desta pesquisa, a pesquisa-ação como método, levando em conta minha história de vida que antecede a história de pesquisador acadêmico, penso que a ação-reflexão-ação, executada aqui, fundamentalmente procurou entender o processo de aprender mais, de ser mais, tanto por parte do grupo pesquisado quanto do pesquisador.

Não acredito no acaso e nem que tenhamos que ter uma resposta para as mais profundas questões acerca de nossa existência. Contudo, isso não quer dizer que tais respostas não existam e que não tenhamos que tentar as alcançar.

Somos o que somos: nossa trajetória, aquilo que conseguimos edificar a partir de histórias, realidades, contextos, ideias, culturas que nos antecederam. Por isso, este trabalho não poderia ter início em si mesmo.

Nesse âmbito, retomo a ideia que intitulei como *(Con) fusão* em minha especialização, como ideia semente. Este foi um dos alicerces para elaboração de minha pergunta de pesquisa no projeto de mestrado: *A produção audiovisual em contexto de alta vulnerabilidade pode ter a função de prática educativa libertadora?*

Qual a relevância de tal ideia para a pergunta da pesquisa aqui realizada? Penso que seja este o momento em que me permito ir para além da mera perspectiva de ratificar ou refutar uma metodologia e permito me lançar ao desafio de elaborar novas perguntas. Novas perguntas colaboraram para que eu pudesse entender melhor quem sou como ser humano e, conseqüentemente, como pesquisador.

De tal modo, penso que seja fundamental entender em qual momento de minha vida que passo a tomar consciência e qualificar minha intelectualidade, que é quando começo a cantar Rap e, organicamente, começo a me aproximar da cultura Hip-Hop.

Minha relação com o Rap e a cultura Hip-Hop se deu no início da década de 90. Ela foi o principal elemento para minha entrada na área social, onde atuei na maior parte de minha carreira profissional.

A primeira vez que recebi, institucionalmente, por trabalhos sociais que realizei na área social foi em 2004, quando a Secretaria de Assistência Social oficializou o início da municipalização das medidas socioeducativas em meio aberto, conforme previsto no Estatuto da Criança e Adolescente. Entre as ações estava a formação de uma rede de atendimento para acolher e acompanhar os meninos e meninas que cometeram atos infracionais.

Uma das ações foi a criação da incubadora social na Vila Brasilândia, que foi onde oficialmente iniciei minha trajetória profissional na área social, composta por três núcleos socioeducativos. Foi aí que se deu meu início, a partir da arte-educação em comunhão com a cultura Hip-Hop, mais especificamente com o elemento Mestre de Cerimônia (MC).

Ocorreu através de um convite feito pela Fundação Projeto Travessia, a partir da disponibilização de informações do meu cadastro de artista na subprefeitura do distrito da Brasilândia/Freguesia do Ó.

Minha participação neste projeto se deu entre 2004 e 2006. Neste período de atuação no projeto, ministrei oficinas de Hip-Hop em três núcleos socioeducativos, participei de reuniões institucionais estratégicas e colaborei na qualificação de atendimentos técnicos de casos específicos.

Este trabalho culminou em um convite da mesma Fundação Projeto Travessia para trabalhar no Programa de Educação de Rua, onde atuei entre 2006 e 2009. Neste período minhas atribuições profissionais foram: elaborar e executar planos de trabalho para intervenção educativa na rua, realizar atendimento a famílias, fomentar articulação de rede de cuidado em âmbito comunitário, realizar trabalho educativo com crianças e adolescentes em situação de rua para inserção em rede de atendimento de serviço social.

Nesse contexto profissional também fiz uso da arte-educação, em que a cultura Hip Hop e o audiovisual foram alicerces para a construção de diálogos, de relações e articulação entre práticas educativas inovadoras para aquele momento.

O convite para trabalhar no Programa de Educação de Rua (PER), principal projeto da instituição, deu-se pelo êxito em meu trabalho na incubadora social da Vila Brasilândia, no qual o resultado das oficinas de Hip-Hop foi a produção musical de um CD Demo com seis faixas, realizado a partir de um processo arte-educativo dentro dos núcleos socioeducativos em que atuei.

O trabalho teve grande repercussão na área social por conta de sua inovação, que continuou a marcar presença em meu trabalho na rua. Cabe ressaltar que tal experiência ganhou ainda mais relevância, somada ao fato de eu ser o primeiro educador a trabalhar naquela instituição sem ter uma graduação, mesmo que incompleta.

Concomitantemente ao trabalho na Fundação Projeto Travessia, em 2007 tive a oportunidade de fazer parte da equipe de educadores audiovisuais formada pela Ouroboros Cinema e Educação para atuar no projeto da cineasta Laís Bodansky, *Oficinas Itinerantes de Vídeo – Tela Brasil*, onde tive a oportunidade de atuar profissionalmente em diferentes lugares do país com produção audiovisual.

O ano de 2007 foi muito intenso. No mesmo ano, iniciei trajetória acadêmica com o curso de pedagogia, um momento de grande escolha em minha vida.

Entendendo que a produção audiovisual em minha história chega após o Rap e a cultura Hip Hop, que não se sobrepõem em minha trajetória. Ambos foram e ainda são elementos estruturantes para meu processo de aprendizagem, construção de identidade, como ser humano e pesquisador.

Apesar do Rap e a produção audiovisual se aliarem em minha trajetória, durante muito tempo tive que deixar de viver meu Rap, minha arte, porque a área de produção audiovisual e educação estavam me oportunizando um melhor retorno econômico, consequentemente melhor qualidade de vida.

Com isso, meu processo de construção de identidade, conquista de competências e habilidades, as expressões artísticas viabilizadas por produções educacionais nesta investigação, foram os principais lugares de diálogo acerca do problema de pesquisa, território de produção de conhecimento e para um processo de aprendizagem libertador do grupo pesquisado e do pesquisador.

Para a realização deste diálogo as ideias de Freire e Sen foram as que orientaram inicialmente a pesquisa, que contou com uma abordagem metodológica experimental somada ao método de pesquisa-ação e diversos procedimentos de pesquisa, como dinâmicas de rodas de conversa, sempre tomando como grande área do conhecimento a Pedagogia Social.

1.1 Projeto de Pesquisa

Em princípio, o objetivo da pesquisa era testar uma metodologia de trabalho voltada à produção de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades e competências que resultassem na ampliação da autonomia, da emancipação e da liberdade para jovens de periferias urbanas. Contudo, após as orientações da banca de qualificação consegui olhar de forma mais ampliada e perceber que meu trabalho ia para além do simples fato de ratificar ou refutar uma metodologia, nesse caso estruturada a partir de processos de produção audiovisual.

A linguagem audiovisual e sua relação direta com o desenvolvimento tecnológico frente ao seu custo elevado em sua história sempre justificaram sua presença na estrutura das estratégias da classe dominante para a manutenção do *status quo*, para a opressão, tendo em vista a lógica do capital como lógica vigente de vida na maior parte do mundo.

Com a chegada da internet, a sociedade, consequentemente a linguagem audiovisual, ficaram diante de um elemento tecnológico descentralizador, fato que incidiu drasticamente nas relações humanas e também do exercício do poder, de forma a ampliar a possibilidade de criação de narrativas contra-hegemônicas. Nesse sentido, Moraes (2007, p. 05) diz o seguinte:

Cinco dimensões de comunicação em rede com direção contra-hegemônica podem ser observadas na Web:

a) oposição direta ao neoliberalismo e defesa da universalização dos direitos democráticos e da socialização das riquezas;

- b) descentralização informativa: qualquer ponto da rede pode estabelecer permutas com outros pontos, dificultando o controle pelas instâncias de poder;
- c) os dados podem ser difundidos sem submissão às diretrizes e às idiosincrasias da mídia;
- d) a dinâmica virtual incentiva a interlocução e a interação baseadas em visões de mundo convergentes;
- e) estoques de textos e materiais audiovisuais podem ser compartilhados com base no princípio inclusivo da "publicação aberta" (leitores podem adicionar comentários, publicar textos e/ou fotos sem prévio consentimento dos editores e aproveitar arquivos e bases de dados) e na adesão ao *copyleft* (permissão para reproduzir informações sem fins comerciais, desde que citada a fonte, evitando-se as barreiras impostas pela propriedade intelectual).

Tendo em vista tal cenário, no âmbito da pesquisa e do território ao qual o grupo pesquisado pertence, também foi possível identificar uma forma de exclusão que não havia previsto no processo, que foi a exclusão digital relacionada diretamente ao acesso a internet.

Dentre as referências utilizadas também está Chauí (1988, p. 33), que colaborou com subsídios acerca da ideia de visão interna e externa, suas relações com o processo de construção de conhecimento e organização social do ser humano.

As autonomia, emancipação e liberdade foram os pontos conceituais que orientaram as reflexões em busca de uma definição de opressão, a partir dos constructos teóricos formulados por Amartya Sen e Paulo Freire. Freire (1970, p. 16) diz o seguinte:

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter este poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente, desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria.

Por sua vez, Amartya Sen (2009, p. 30) defende que:

O desenvolvimento tem de estar relacionado sobretudo com a melhora da vida que levamos e das liberdades que desfrutamos. Expandir as liberdades que temos razão para valorizar não só torna nossa vida mais rica e mais desimpedida, mas também permite que sejamos seres sociais mais completos, pondo em prática nossas volições, interagindo com o mundo em que vivemos e influenciando esse mundo.

Considerando tais premissas, o território no qual o grupo reside, aliado a condição econômica daqueles(as) que compuseram o grupo pesquisado, dá uma dimensão completa da opressão imposta pelo Estado¹.

1.2 Materiais e fontes de referências

Foram realizados três Encontros de Articulação: dois no primeiro semestre e um no segundo semestre do curso de mestrado, segundo semestre de 2016 e primeiro de 2017.

O primeiro foi para apresentar a proposta de pesquisa para o coordenador e o educador referência da área de cultura do CEDECA Sapopemba. O encontro aconteceu na sede do núcleo de cultura, onde também foram realizados os demais encontros. No segundo apresentei a proposta de pesquisa e o plano de trabalho do processo formativo audiovisual que pretendia executar. Foi um encontro interessante, pois, após uma resposta positiva do grupo acerca da proposta, demos início a um processo de troca, tendo em vista que o tema da pesquisa promoveu conversas de temas congêneres, nos quais a maior parte do grupo se identificou.

O racismo na mídia e a exclusão social foram os temas que tomaram a maior parte das conversas, fato justificado pelo contexto em que a instituição e os(as) adolescentes e jovens estão inseridos(as). Isso, por si, justifica a relevância da execução da pesquisa.

Ainda no segundo encontro foi realizado o acordo sobre a regularidade dos encontros formativos. Também apresentei, de forma breve, a Educomunicação como paradigma adotado para a execução da proposta.

O terceiro, realizado em Janeiro de 2017, considerando o diálogo como base da entre pesquisador-educando, teve o objetivo de assistir e ouvir às habilidades de cada integrante do grupo. Aí, cada educando e subgrupos de educandos se organizaram e realizaram apresentações daquilo que acreditavam ter mais habilidade e empatia. Foram realizadas apresentações de dança solo, dança em subgrupos, jogo de capoeira e canções de artistas *pop* em voz e violão solo e em subgrupos.

Os três encontros foram fundamentais para ter um primeiro panorama para a execução do plano de trabalho e baliza para a parceria que estava sendo firmada.

1.3 Metodologia

¹ A instituição com quem a parceria foi feita para realização da pesquisa, o CEDECA Sapopemba, tem o objetivo de garantir a seguridade dos direitos das crianças e dos adolescentes.

A abordagem metodológica utilizada na pesquisa foi a experimental aliada ao método da pesquisa-ação e os procedimentos de pesquisa necessários para a execução da proposta em campo. As atividades desenvolvidas consolidaram um experimento pedagógico alicerçado pela Educação Popular, Social e Comunitária (SILVA, 2009).

1.4 Procedimento de pesquisa

Considerando que para uma pesquisa-ação o planejamento é imprescindível, visando realização com qualidade, foi elaborado um planejamento prévio de atividades.

Cabe ressaltar que tal planejamento foi elaborado pautado pelas ideias de Freire. Entre elas, a concepção de que ensinar exige inacabamento e que uma pedagogia libertadora é antropológica, tem sua própria forma. Também pelas ideias de Amartya Sen sobre o desenvolvimento econômico como sendo vital para a conquista da liberdade do ser humano.

O planejamento foi elaborado na perspectiva de ser alterado, pois, caso contrário, estaria na contramão dos paradigmas adotados como referência de tal proposta.

Quadro 1 – Plano de trabalho planejado

MÓDULO 1		
Nº	Data/2017	Tema
1.	14 de Janeiro	Apresentação e validação da proposta. Mapeamento de habilidades e competências do grupo
2.	28 de Janeiro	Conceitos básicos de Educomunicação Conceitos de Ecossistemas de comunicação
		Mapeamento local
		Mapeamento local
		Mapeamento local
		Mapeamento local
		Mapeamento local
3.	11 de Fevereiro	Comunidades de aprendizagem Metodologia da produção audiovisual
4.	25 de Fevereiro	Metodologia da coleta de Histórias de Vida Teoria e prática da criação de roteiros
MÓDULO 2		
Nº	Data/2017	Tema
	4 de Março	Mapeamento de histórias e lugares
	5 de Março	Metodologia da produção fotográfica Metodologia de captação de som
5.	11 de Março	Aula prática de campo Metodologia da coleta de Histórias de Vida Teoria e prática da criação de roteiros
6.	25 de Março	Aula prática de campo Visita técnica
7.	8 de abril	Metodologia de edição de áudio vídeo
8.	22 de abril	Metodologia da produção radiofônica (analógica) Metodologia da produção radiofônica (digital)
MÓDULO 3		

Nº	Data/2017	Tema
9.	6 de maio	Oficinas técnicas (laboratório de ideias)
	9 de maio	Produção de conteúdo
	11 de maio	Produção de conteúdo
	13 de maio	Produção de conteúdo
10.	20 de maio	Apresentação e avaliação de resultados Visita técnica
11.	3 de junho	Desenvolvimento Social e Desenvolvimento Local Empreendedorismo social e Empreendimentos Sociais
12.	17 de junho	Aula prática de campo Apresentação de caso
MÓDULO 4		
Nº	Data/2017	Tema
13.	1 de julho	Desenvolvimento de tecnologias sociais Gestão de projetos sociais
14.	15 de julho	Gestão de contratos e convênios Legislação do Terceiro Setor
15.	29 de julho	Gestão de Recursos Humanos Noções básicas de contabilidade e orçamento
16.	12 de agosto	Aula prática de campo Apresentação de caso
MÓDULO 5		
Nº	Data/2017	Tema
17.	26 de agosto	Consultoria técnica Visita técnica
18.	9 de setembro	Oficina técnica (Elaboração de projeto piloto)
19.	23 de setembro	Oficina técnica (Elaboração de projeto piloto)
20.	7 de outubro	Visita técnica
MÓDULO 6		
Nº	Data/2017	Tema
21.	21 de outubro	Oficina técnica (produção) Aula prática de campo - Diagnóstico territorial
		Diagnóstico territorial
		Diagnóstico territorial
		Diagnóstico territorial
		Diagnóstico territorial
		Diagnóstico territorial
22.	4 de novembro	Estudo de viabilidade
23.	18 de novembro	Plano de negócios
	21 de novembro	Plano de negócios
	23 de novembro	Plano de negócios
	25 de novembro	Plano de negócios
	26 de novembro	Plano de negócios
	28 de novembro	Plano de negócios
	30 de novembro	Plano de negócios
24.	2 de dezembro	Aula prática de campo (execução de atividade piloto)
25.	16 de dezembro	Avaliação do processo formativo Encerramento / Certificação
26.	22 de dezembro	Visita técnica institucional

1.4.1 Considerações sobre o plano de trabalho planejado

O trabalho foi elaborado a fim de levantar subsídios para atender a seguinte hipótese:
adolescentes e jovens em periferias urbanas estão submetidos fortemente a fatores que

inibem, cerceiam e mesmo impedem o exercício da autonomia, da emancipação e da liberdade e isso afeta suas autoestimas e o desenvolvimento de habilidades e competências próprias destas faixas etárias.

Inicialmente, a consolidação de um coletivo de produção audiovisual, um núcleo de comunicação no CEDECA Sapopemba ou atuação como educadores sociais, eram as possibilidades objetivas que considerávamos como propícias à ratificação da hipótese. Para tanto, no início da execução do plano de trabalho, para além dos momentos formativos, foi aplicado um questionário para mensurar quais definições do grupo sobre autonomia, emancipação e liberdade.

Retomando a ideia de inacabamento e da necessidade de criarmos pedagogias, conforme as pedagogias de Freire e o desenvolvimento econômico como forma de libertação de Amartya Sen, aconteceu o que estava previsto: o plano de trabalho passou pelas mudanças necessárias para uma pedagogia específica para aquele grupo de adolescentes e jovens.

Mesmo o grupo sendo composto pelos adolescentes e jovens mais engajados nas atividades da instituição, somado a uma agenda sempre com muitas atividades em grande parte do CEDECA Sapopemba, com maturidade do grupo pesquisado ainda frágil por conta da faixa etária, algumas atividades não foram executadas, como o mapeamento local.

Entendendo tal circunstância, procurei executar o plano de trabalho pautado nos temas propostos, mas reelaborando os encontros conforme as observações, necessidades e reflexões teóricas, que foram realizadas durante o processo.

A principal mudança entre o plano de trabalho planejado e o executado foi a não execução total da parte relativa a empreendedorismos.

Com a produção audiovisual ocupando o lugar de principal mobilizador, diante do que foi realizado até o final do primeiro semestre de 2017, foi possível visualizar e registrar a incidência dos encontros sobre as relações entre os membros do grupo. Por conseguinte, o lançamento da *websérie*, que aconteceu no mês de Setembro, ratificou a apropriação do grupo acerca da proposta, de forma a atribuir um sentido próprio para o processo.

1.4.2 Plano de trabalho executado

O quadro abaixo mostra o resultado parcial da experiência pedagógica realizada.

Quadro 2 – Calendário dos Encontros

MÓDULO 1		
Nº	2016/2017	Tema
1.	03 de Dezembro	EA - Apresentação institucional da proposta de pesquisa
2.	17 de Dezembro	EA - Bate-papo com o grupo de adolescentes e jovens convidados
3.	14 de Janeiro	EA - Apresentação e validação da proposta. Mapeamento de habilidades e competências do grupo
4.	28 de Janeiro	EEA - Conceitos básicos de Educomunicação Conceitos de Ecossistemas de comunicação
5.	11 de Fevereiro	EPA - Metodologia de produção audiovisual
6.	11 de Março	EEA - Metodologia da coleta de Histórias de Vida
7.	25 de Março	EEA - Teoria e prática da criação de roteiros
8.	08 de Abril	EEA - Teoria e prática da criação de roteiros
9.	06 de Maio	EEA - Teoria e prática da criação de roteiros
MÓDULO 2		
10.	20 de Maio	EPA - Prática Audiovisual (Campo)
11.	03 de Junho	EPA - Prática Audiovisual (Campo)
12.	23 de Junho	EPA - Prática Audiovisual (Campo)
13.	01 de Julho	EPA - Prática Audiovisual (Encontro extra)
14.	21 de Julho	EEA - Formação em edição Fotografia
15.	29 de julho	EEA - Roteiro técnico
MÓDULO 3		
16.	12 de Agosto	EPA - Prática Audiovisual
17.	26 de Agosto	EPA - Prática Audiovisual
18.	1 de Setembro	EPA - Lançamento do episódio piloto da <i>websérie</i>
19.	9 de Setembro	EEA - Edital de incentivo a cultura e roteiro
20.	23 de Setembro	EEA - Edital de incentivo a cultura e roteiro
21.	7 de Outubro	EEA - Análise crítica do filme escolhido pelo grupo i “Uma noite de crime: Anarquia” – respostas em anexo
22.	21 de Outubro	EEA - Cronograma, final de 2017 e primeiro trimestre de 2018
23.	18 de Novembro	EPA - Último encontro de Produção Audiovisual
24.	16 de dezembro	Encontro de encerramento (não aconteceu)

EA: Encontro de Articulação = 3

EEA: Encontro Educativo Audiovisual = 11

EPA: Encontro de Produção Audiovisual = 9

1.4.3 Considerações sobre o plano de trabalho executado

Para além da principal diferença entre os planos de trabalho, que é a retirada quase total da parte de empreendedorismo dos 26 encontros previstos, foram realizados 23 encontros, alguns não aconteceram por conta de terem sido planejados para ocorrerem em emendas de feriados.

Após um processo intenso de releitura da proposta e das possibilidades de ratificação da hipótese – frente o percurso para a produção de sentido do grupo acerca do trabalho até o final do primeiro semestre de 2017, sempre visando oferecer mais autonomia ao grupo –, pautado principalmente pelas ideias de Freire supracitadas, identifiquei opção mais pertinente àquele momento.

Na obra *Pedagogia do Oprimido*, para além da definição de opressão, da relação pedagogia e antropologia, há similaridade entre as formas dos encontros realizados com o grupo pesquisado e os círculos de cultura. Conforme Fiori (apud FREIRE, 1970, p. 5):

No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em “reciprocidade de consciências”; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo.

Isso foi o principal para a tomada de decisão nas mudanças do plano de trabalho planejado. Não significou, no entanto, abandonar as ideias de Amartya Sen. Antes, tratou-se de sua obra em outra perspectiva, mais ideológica.

Tal escolha se deu objetivamente por conta da estrutura para a execução da pesquisa, que não contava com recursos financeiros suficientes para realizar uma formação empreendedora que pudesse ser transformadora.

Entendendo tal contexto, somado à colaboração das disciplinas cursadas, identifiquei na obra *Ação Cultural para a Liberdade*, também de Paulo Freire, ideias que dialogam diretamente com a mudança de paradigma ocorrida durante a execução do plano de trabalho. De tal maneira, diz Freire (1980, p. 80):

[...] a educação ou a ação cultural para a libertação, em lugar de ser aquela alienante transferência de conhecimento, é o autêntico ato de conhecer, em que os educandos – também educadores – como consciências “intencionadas” ao mundo ou como corpos conscientes, se inserem com os educadores – educandos também – na busca de novos conhecimentos, como consequência do ato de reconhecer o conhecimento existente.

Tendo em vista que são nossas opções que determinam nossa ação, a narrativa reflexiva é parte das opções adotada para a execução desse experimento metodológico.

Considerando que toda metodologia precisa de uma sistematização, diante do quadro teórico parcialmente apresentado procurei categorizar os encontros como forma de organização para assim tentar qualificar a reflexão sobre cada tipo de encontro. A categorização pode ser vista mais detalhadamente *Descrição do campo*.

1.5 Descrição do campo

Durante todo processo de execução do campo, o café da manhã foi a atividade que contou com a menor mudança em sua estrutura, mas foi a única que se fez presente em todos encontros. Foi nela que vi a possibilidade da realização de dinâmicas de rodas de conversas

sistemáticas com o grupo pesquisado, fato que colaborou nos mais diferentes aspectos durante a execução do campo.

Os cafés da manhã dos encontros formativos foram importantes em diferentes aspectos: como na qualificação da identidade coletiva do grupo, identificação da presença da curiosidade ingênua, representada no questionamento e mudança do cardápio, nas conversas sobre o contexto em que estão inseridos e no surgimento de reflexões sobre questões sociais, como a de gênero.

O tom para o encontro era dado no momento do café. A organização (ou dispersão) do grupo pesquisado, a quantidade de conflitos e as músicas ouvidas foram os subsídios para tanto.

Nesse momento foi onde tomei contato com as limitações sociais objetivas do grupo pesquisado, encontradas nas justificativas das ausências de alguns educandos, relacionadas, na maior parte das vezes, com demandas familiares – cuidar de sobrinho, do irmão menor e etc. –, trabalho, entre outras. Além disso, na organização do café, a redução de conflitos e o surgimento da criticidade, no que tange, especialmente, à trilha sonora daquele momento, foram os principais indicadores para visualizar o processo de maturação do grupo. Também se utilizou o momento para refletir sobre a saída de alguns integrantes e a acolhida de novos.

Observando o crescimento da relevância da música nos encontros, a troca de conhecimentos musicais e reflexões sobre cultura pop, também colaborou para a construção de um ouvido crítico dos integrantes. Tal condição pode ser identificada, de forma objetiva, na ação do grupo de qualificar a trilha sonora do café, a partir de um acordo proposto por uma integrante após uma das últimas reflexões sobre Funk e gênero. Cabe ressaltar, ainda, que em um dos cafés os meninos estavam dançando Funk como meninas, rebolando. Dominaram o espaço para dançar, enquanto as meninas se divertiam com a cena. Isso me chamou a atenção por não ser comum tal desprendimento entre os meninos que ouvem Funk devido à presença forte do machismo nesse contexto. Ao que parece, isso só aconteceu por conta dos meninos terem se sentido muito à vontade naquele espaço e momento, tanto que até filmaram.

Ficou evidente que rebolar, naquele contexto, não chegava perto de ferir a masculinidade de nenhum deles, inclusive aos olhos das meninas que em nenhum momento pareceram colocar isso em questão; pelo contrário, acharam tudo muito engraçado.

Entre os cafés realizados nos encontros, podem-se destacar dois. O primeiro foi no dia do encontro extra, marcado para tentar dar conta de cumprir com a meta de prazo de gravação do episódio 2 da *websérie*, data em que foi marcada uma conversa com Roney, do grupo de Rap da região chamado *Monarckas*, para estabelecer parceria para a trilha sonora da *websérie*. Neste encontro, que aconteceu em uma sexta à tarde, diferente dos demais que

aconteceram aos sábados pela manhã, o café foi realizado depois da gravação e não antes, como de costume. Por conta de um motivo de saúde, Roney se atrasou. Porém, o O., responsável pela parceria, e alguns outros prontamente se disponibilizaram em realizar a conversa sem minha presença. Isso ratificou a apropriação do grupo pesquisado acerca da proposta e um indicador de possível de autonomia. Roney se atrasou mais do que o previsto, mas o grupo esperou e a conversa foi realizada com sucesso. O resultado dessa parceria, após algumas conversas com o grupo de rap e a avaliação dos adolescentes acerca das músicas disponibilizadas, foi a utilização de uma composição que fala sobre a região de Sapopemba. O segundo encontro se deu para a gravação do episódio três da *websérie*, que foi realizado no final. Este encontro aconteceu em um sábado à tarde.

O café, no dia da gravação, foi um tanto tumultuado, pois, na ânsia de conseguirem aproveitar a maior quantidade do lanche, todos que foram convidados a participarem na figuração e poucos do grupo fizeram questão de chegar primeiro na mesa de lanche para pegarem o máximo de coisas que conseguissem, apesar de eu ter chamado a atenção algumas vezes. Tal fato resultou em reprovação e um desencontro entre integrantes do grupo pesquisado.

O grupo aproveitou o mesmo encontro para falar com o Bispo, educador de *break dance* do CEDECA, sobre a possibilidade de ajuda para a elaboração de um projeto que o grupo pretendia mandar para o Programa VAI.

Observando a relevância do momento do café para a realização do processo formativo do grupo pesquisado e frente às minhas experiências em trabalhos anteriores em contextos de vulnerabilidade, não é difícil constatar que a comida sempre é um agregador muito objetivo, a ponto de ocupar um lugar vital para processos educativos em realidades específicas.

Tendo em vista que em algumas vezes o café foi utilizado por alguns integrantes do grupo como forma de brincadeira em falas como “É hora de tirar a barriga da miséria!”, uma das minhas reflexões é que tal fala pode significar a naturalização do contexto vulnerável, de exclusão social em que o grupo pesquisado está inserido. Este tipo de brincadeira é a ratificação da *presença da ausência* nesse território: ausência de oportunidade, de acesso àquilo que se quer e precisa para garantia da dignidade, comer satisfatoriamente e não somente aquilo que tem.

No café da manhã, o maior facilitador para o diálogo foi a música, tendo em vista o conceito de dialogicidade de Freire, pois foi o lugar onde a horizontalidade entre educador-educando se fez presente de forma mais objetiva. Além do mais, a mudança de cardápio, por exemplo, era realizada a partir da problematização dos(as) educandos(as) e escuta do educador. O café também representou meu cuidado em relação ao grupo pesquisado e a possibilidade de

diálogo entre instituição parceira, CEDECA Sapopemba, e pesquisador. Isso porque os custos de pesquisa, em princípio, estavam todos sob responsabilidade do pesquisador e o CEDECA, em dado momento, se solidarizou e dividiu o custo em alguns dos cafês das manhãs.

O dia do encontro e horário do café foi assimilado pela instituição, tanto que em sábados que aconteceram paralelamente atividades do CEDECA, os educandos(as) procuravam convidar os educadores(as) da instituição para tomar café da manhã conosco. Isso, por sua vez, tem o poder de aprofundar a união e as trocas no momento de alimentação em contextos vulneráveis, sem perder de vista minhas experiências anteriores e diversas outras pesquisas sobre o tema. Ou seja, momento de necessidade básica, neste caso, alimentar-se, pode assumir o lugar de espaço de troca e um potencial momento de processo educativo.

1.6 Encontros educativos audiovisuais

No ano de 2017 foram realizados 11 Encontros Educativos Audiovisuais com o objetivo de fomentar espaços de formação coletiva.

Educomunicação e Ecossistema Educomunicativo foi o primeiro tema abordado nos Encontros. A relação entre cultura, comunicação e educação foi a que orientou conceitualmente o momento. Sobre o conceito de Educomunicação e Ecossistema Educomunicativo apresentei algumas definições, como a de Soares (2011, p. 15): “[...] um campo de ação emergente na interface entre dois tradicionais campos da educação e da comunicação, apresenta-se, hoje como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e juventude.”

Por sua vez, para o conceito de cultura tomou-se como baliza uma definição apresentada por Setton (2010, p. 20): “A cultura, enquanto forma de linguagem, mediadora e produtora de sentido/significado, é responsável pelos consensos de valores e comportamentos das sociedades; consequentemente, a cultura como organizadora do mundo serve como reguladora das nossas mentes.”

O Encontro foi o momento reflexivo que tomou a maior parte do tempo previsto para o encontro. As reflexões, de forma geral, tomaram, como principal foco, a relação entre o contexto em que o grupo está inserido e construção de identidade. Pelo espaço em que a pesquisa foi realizada, CEDECA Sapopemba, havia certa propriedade sobre o assunto.

Por sua vez, a abordagem sobre educação foi orientada por uma definição apresentada por Leonardo Boff: “A educação demanda iniciar criativamente as pessoas na realidade do mundo

e no jogo da vida onde se realiza a convivência humana, na qual assimilam as tradições do passado, valorizam-se visões generosas do mundo, constroem-se sentidos de vida e se aprende a lidar com a contraditória e conflitiva “*condition humaine*” sempre aberta para cima e pra frente.” (BOFF apud SODRÉ, 2012, p. 8). E para comunicação utilizei uma das definições de Fiori, tal como citado por Freire: “Expressar-se, expressando o mundo, implica o comunicar-se. A partir da intersubjetividade originária poderíamos dizer que a palavra, mais que instrumento, é origem da comunicação – a palavra é essencialmente diálogo. A palavra abre a consciência para o mundo comum das consciências, em diálogo portanto.” (FIORI apud FREIRE, 1970, p. 10).

Esses temas não despertaram, no grupo, o mesmo interesse que a cultura, tanto que as conversas, em sua maioria, partiram de um processo inicial de decodificação do grupo acerca da definição apresentada para que depois fosse possível uma reflexão, ainda que modesta.

Considerando o tempo limitado, tentei decodificar tais conceitos a partir de reflexões anteriores sobre educação e comunicação, na tentativa de ser mais objetivo sem deixar de atribuir um sentido para a reflexão.

1.7 Elaboração de narrativas audiovisuais

Foram realizados quatro encontros para este tema, tempo necessário para que o grupo conseguisse dar início a uma narrativa e uma forma para que cada um se sentisse representado.

No que diz respeito à base conceitual dos encontros, utilizei minha monografia do curso de Educomunicação: *RoteiroAção: uma proposta audiovisual educacional para adolescentes em medida socioeducativa de internação, A Jornada do Escritor do escritor Christopher Vogler, Da criação ao roteiro do ator Doc Comparato e Tecnologia Social da Memória do Museu da Pessoa*.

No primeiro encontro abordei produção audiovisual, visando dar subsídios para a elaboração de um planejamento audiovisual factível, viável. Foi um encontro muito descontraído. Utilizei uma adaptação que fiz de uma atividade sobre o tema elaborada por um excelente roteirista e amigo, *Henry Grazinoli*, que elaborou para o site do projeto *Oficinas de Vídeo Itinerantes Tela Brasil* da cineasta *Láís Bodansky*, no qual trabalhamos juntos durante cinco anos.

O momento teve como resultado a produção de um vídeo sobre os poderes da educação e da comunicação. Tal processo teve início no encontro e foi finalizado pelas adolescentes que já tinham alguma habilidade em edição.

Na busca de uma narrativa, realizei um processo de leitura crítica do resultado do encontro sobre produção audiovisual e do curta-metragem que roteirizei e dirigi no curso de especialização em Educomunicação, intitulado *João, uma narrativa cotidiana*.

A partir deste encontro, o grupo realizou levantamento de histórias de personagens possíveis da comunidade Parque Santa Madalena, bairro onde moram. A escolha dos personagens rendeu uma boa discussão sobre representatividade, que culminou em uma pergunta-chave que fiz ao grupo, *Madalena, que bairro é esse?*

Esta pergunta foi transformada em um pequeno vídeo produzido pelo grupo, que optou por realizar o trabalho com mídias móveis (celular), por conta da praticidade, tendo em vista que também havia a possibilidade de utilizarmos câmeras DSLR's (Fotográficas), que pertenciam ao CEDECA Sapopemba.

O próximo passo do grupo foi coletar imagens prévias dos três personagens possíveis, levantados pelo grupo, e enviar para o *google drive*, recurso que escolhi para concentrar as informações e produções resultantes do processo.

A partir de uma breve avaliação das histórias coletadas realizei uma abordagem sobre *storyline*² e solicitei que o grupo escolhesse uma das histórias e elaborasse uma *storyline* para finalizar o encontro.

A finalização da *storyline* ficou para o encontro seguinte, em que realizei uma explanação mais detalhada acerca do processo de criação de um roteiro, com foco na elaboração de um argumento³.

Este encontro foi bastante disperso, acredito que por conta do conteúdo, ideias complexas e exclusivamente pautadas em elucubrações. Este foi um dos encontros que o grupo apresentou maior dificuldade na assimilação. Com muito esforço o grupo conseguiu finalizar a *storyline* iniciada no encontro passado.

No último encontro sobre roteiro, tendo em vista as dificuldades do encontro anterior e tendo identificado a série como gênero preferido do grupo, optei por um encontro mais prático, realizado a partir de uma análise filmica da websérie *Do lado de cá*, do ator e diretor Lázaro Ramos.

Boa parte das reflexões realizadas encontrou uma relação direta entre o cenário da websérie e a realidade em que o grupo está inserido, fato que colaborou na assimilação sobre

² *STORYLINE*: termo em inglês significa “linha da história”. A tradução não é exata, mas passa uma boa ideia de seu significado. *Storyline* é um resumo da história a ser transformada em roteiro, possui no máximo cinco linhas e contém apenas o conflito principal de sua história. *Storyline* é o começo das etapas para se desenvolver um roteiro.

³ *Argumento* é onde se desenvolve o enredo, sua estrutura, onde se escolhe quais informações serão entregues ou não ao público.

a importância do roteiro para o planejamento da produção de um conteúdo audiovisual representativo e com sentido relevante.

Entendendo que o grupo não conseguiu elaborar um argumento, procurei refletir sobre os possíveis gêneros a serem utilizados na produção audiovisual e passar direto da *storyline* para a escaleta⁴.

Após um momento de apresentação de alguns gêneros audiovisuais como curta-metragem, novela e outros, o gênero escolhido pelo grupo foi a série. A partir de uma avaliação entre o gênero e a *storyline* elaborada, o grupo optou por elaborar outra *storyline*, resultado de uma fusão do cotidiano do grupo e de uma das histórias coletadas.

A narrativa da *storyline* contou como objetivo problematizar a imagem estereotipada, produzida pela mídia tradicional, sobre o Parque Santa Madalena e outras periferias, tomando histórias de sucesso do bairro como estrutura para a criação dos episódios. Neste Encontro, para além da elaboração da nova *storyline*, resultou no início da escaleta da websérie.

1.8 Fotografia e edição

Ocorreram dois encontros Educativo-Audiovisual: um sobre fotografia e outro sobre edição. O primeiro, mais produtivo que o segundo, realizei uma breve explanação sobre planos e enquadramentos fotográficos dentro do cinema. O grupo demonstrou grande interesse. Também abordei os movimentos básicos de câmera no cinema, na perspectiva de oferecer subsídios técnicos para a realização do roteiro. A utilização dos planos e enquadramentos para conduzir o olhar do espectador foi meu principal foco.

O resultado deste momento foi a produção de várias fotos produzidas pelos adolescentes e jovens utilizando os planos e enquadramentos explanados. O resultado colaborou para ter certa noção de estética fotográfica. O grupo apresentou grande qualidade e grande relação a tecnologia. Alguns dos adolescentes, para além do resultado do encontro, mostraram fotos por eles tiradas anteriormente, a título de comparação.

No segundo momento utilizei o recurso de projeção de um processo prático realizado por mim, *in loco*, empregando parte do material produzido pelo grupo. Explanei sobre conceitos básicos de edição e uma possível forma de organização para a execução de um trabalho, a partir da montagem parcial do primeiro episódio da websérie.

⁴ *Escaleta*: é onde se pensa na estrutura, na construção de sequência e de cenas. Enquanto o argumento conta o *quê*, a escaleta conta o *como*.

Foi um momento de grande dispersão, de menor aproveitamento por parte do grupo, isso tendo em vista a complexidade do trabalho de edição e a necessidade de uma apropriação tecnológica prévia.

1.9 Compromissos e responsabilidades

Foram realizados três encontros para este tema. Aqui, o grupo passou a refletir sobre o compromisso e recontratos em relação à proposta, tendo em vista mudanças de datas dos encontros em cima da hora, prejudicando o trabalho e a agenda de parte dos membros do grupo. Igualmente, foi elaborada a agenda para o final de 2017 e primeiro trimestre de 2018, fomentada pelo desejo do grupo em dar continuidade ao trabalho. Por conta disso, achei pertinente apresentar a possibilidade da obtenção de recursos para tanto, com foco no Edital do programa VAI⁵. Neste momento tentei aproximar novamente o CEDECA Sapopemba para a parceria na execução, solicitando a capacitação do grupo para a elaboração de projetos.

Um dos educadores do CEDECA, dentro de sua limitação de tempo, comprometeu-se em colaborar, enviou a estrutura do projeto para o edital do programa VAI, mas não conseguiu acompanhar a elaboração conforme o desejado.

A pretensão do grupo foi de fazer um encontro de *próximos passos*, para que pudéssemos dar início à elaboração do projeto para o edital do programa VAI e finalizar o ano. Todavia, por conta de uma série de compromissos pessoais de final de ano não conseguimos realizá-lo.

1.10 Encontros de produção audiovisual

Foram realizados, em 2017, nove Encontros de Produção Audiovisual Educativa para que o grupo pudesse realizar a produção de conteúdo audiovisual, prevista no plano de trabalho.

Escolhemos algumas tecnologias como meios de comunicação, produção e armazenamento: *smartphone* como tecnologia para a produção do conteúdo audiovisual adotada pelo grupo; *google drive* como tecnologia que escolhi para a sistematização e divulgação do trabalho; e *whatsapp* como meio de comunicação escolhido pelo coordenador do núcleo de cultura do CEDECA ainda nos Encontros de Articulação.

⁵ O Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais – VAI, foi criado pela lei 13.540 e regulamentado pelo decreto 43.823/2003, com a finalidade de apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do Município desprovidas de recursos e equipamentos culturais.

O primeiro encontro funcionou como princípio de um trabalho coletivo audiovisual, no qual o grupo pôde mensurar melhor as responsabilidades necessárias para sair do lugar de espectador e assumir o lugar de emissor, produtor de conteúdo.

Tendo em vista o processo até o momento e a importância da autonomia do grupo para o trabalho, foi o último encontro em que apresentei uma proposta prévia. Em todos os demais encontros o grupo foi quem passou a ser responsável pela organização dos encontros. Mesmo assim, compreendendo o processo de maturação do grupo, sempre procurava ter um encontro plano B, caso o grupo se sentisse muito perdido ou com dificuldade com o peso da autonomia.

Foi aí que o grupo de whatsapp passou a ser usado mais intensamente, o grupo se engajou mais em relação à proposta. Minha pergunta orientadora para o planejamento dos encontros passou a ser *O que vamos fazer?* – estratégia mínima para uma animação sociocultural virtual.

Diante do que já havíamos produzido até aquele momento do trabalho, ou seja, o início de uma escaleta e a produção audiovisual do episódio 1 da websérie, a partir das respostas da pergunta orientadora dada pelo grupo, passei a sistematizar para garantir o registro do caminho escolhido para a produção audiovisual.

Nesse sentido, os demais encontros ora eram planejados com ênfase na continuidade da elaboração da escaleta, ora com ênfase na produção audiovisual. Cabe ressaltar que tal alternância entre planejamento e execução se deu de forma natural, resultante das escolhas do grupo.

A metodologia audiovisual fez uso sistemático desta alternância, defendendo a ideia que a alternância entre teoria e prática é uma forma objetiva de qualificar o processo de ensino-aprendizagem.

Entre os Encontros de Produção Audiovisual, três deles merecem destaque:

1. Gravação do Making Of da Websérie

Praticamente não colaborei para a produção audiovisual deste trabalho. Para além de um relato sobre a produção audiovisual que estavam realizando, o grupo também fez uma reflexão do processo, na qual destacaram o descrédito inicial em relação à proposta, que mudou completamente com o passar do tempo, de forma que sua incidência promoveu uma qualificação nas relações entre os membros do grupo, segundo relatos registrados em vídeo⁶.

Cabe ressaltar que o grupo foi muito presente nas atividades promovidas pelo CEDECA que, por sua vez, tem um trabalho consolidado e requisitado, consequentemente

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=RQMa4x08g3c>.

também o grupo pesquisado, de forma a elevar seu nível de exigência em relação às propostas apresentadas a eles a todo momento.

2. *Encontro extra de gravação*

Considerando que o grupo tinha como objetivo exibir o *making of* no dia do lançamento da websérie, o primeiro episódio precisava ser finalizado e, por isso, o próprio grupo optou por realizar este encontro. Nele foi produzido o conteúdo audiovisual necessário para realizar a edição do episódio 1 da websérie, que contou também com a edição de um trailer, ambos editados por um amigo de um dos membros do grupo.

3. *Lançamento da websérie “Madalena, que bairro é esse?”*

Para o dia do lançamento da websérie o grupo utilizou a maior parte do conteúdo audiovisual produzido nos encontros. A intenção era, além de lançar a websérie, apresentar o percurso deles até aquele momento.

Produção Audiovisual exibida no evento:

1. Vídeo Pergunta – “Madalena, que bairro é esse?”⁷;
2. Making Of da Websérie⁸;
3. Convites virtuais do lançamento da websérie;
4. Trailer da websérie⁹;
5. Episódio piloto da websérie¹⁰;
6. Trailer do videoclipe do grupo de Rap *Os Monarckas*, parceiro na trilha sonora da websérie;
7. Pocket Show do Grupo de Rap *Os Monarckas*;
8. Oficina de DJ.

O evento também foi realizado no Núcleo de Cultura do CEDECA, que colaborou com a cessão do espaço, após o horário comercial, e na alimentação.

Esse encontro foi o mais significativo para mim durante o processo, pois, além de uma maturação objetiva do grupo diante da proposta, pude contar com o reconhecimento de meu trabalho para aquele contexto específico, representado em um agradecimento feito pelo grupo e instituição durante o evento. Não posso deixar de ressaltar que neste evento não tive participação alguma, fato que me permite pensar este momento como uma consolidação de

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=3u7wQVooliI>.

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=RQMa4x08g3c>.

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=xgOLAGYLoLs>.

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=7mB-j2ji5JQ>.

um processo de trabalho em que a produção audiovisual em contexto de alta vulnerabilidade foi capaz de promover a mobilização de um contexto específico. Assim, entendendo tal evento como resultado objetivo de uma ação sociocultural, no qual o conjunto de encontros realizados conseguiu causar uma produção de sentido a partir de um artifício tecnológico.

Durante o ano de 2017 o grupo manteve uma média de 11 adolescentes e jovens. O número de desistências e entradas no grupo se mantiveram iguais, cerca de 3 no período.

Além do mais, o grupo teve um *turnover* educativo baixo, tendo em vista uma proposta sem investimento financeiro nenhum e dentro de uma estrutura já cotidianamente usufruída pelo grupo pesquisado.

1.11 Informações levantadas

Por esta pesquisa se tratar de uma pesquisa-ação, seu desenvolvimento visou também qualificar minha prática de atuação, contando com a produção audiovisual como base da metodologia e as autonomia, emancipação e liberdade como objetivos metodológicos, elementos daquilo que foi linha-mestra à produção de sentido durante o processo.

Dessa forma, procurei alternar entre a sistematização e a reelaboração do método que consolidei em meu curso de especialização em educomunicação e em minha ação em campo no mestrado e as reflexões realizadas sobre o método durante meu processo de execução e formação. Nesse sentido, executei o plano de trabalho e sua descrição na intenção de conseguir identificar e avaliar as mudanças e a possível qualificação de minha prática.

Sem perder de vista que tal experimento metodológico também teve como objetivo a produção de conhecimento e a colaboração no aumento da autonomia, emancipação e liberdade do grupo pesquisado e do pesquisador.

Para tanto, a primeira fase de execução do plano de trabalho contou com as seguintes atividades, visando o levantamento de informações: a) Realização de 23 encontros *in loco*; b) Aplicação de 12 questionários para coletar informações gerais – perfil; c) Aplicação de 13 questionários para coletar informações específicas – competências e habilidades; d) Registro de todas as atividades desenvolvidas *in loco*.

Retomando o conceito de inacabamento e a necessidade de criação de pedagogias específicas para cada educando(a) ou para cada contexto, na busca de uma educação que seja realmente libertadora, para além das mudanças no conteúdo do plano de trabalho, também houve a necessidade de sua ampliação do período: com término inicialmente previsto em dezembro de 2017, para julho de 2018.

Nesta fase complementar do plano de trabalho foram realizadas as seguintes atividades: a) Realização de 5 encontros *in loco*; b) Participação do grupo na exibição e debate do filme *Correndo atrás*, do cineasta Jeferson De; c) Aplicação de 11 questionários para coletar informações específicas – competências e habilidades; d) Elaboração de um projeto de produção audiovisual para o edital do programa VAI realizado pelo grupo; e) Registro de todas as atividades desenvolvidas.

Quadro 3 – Plano de trabalho executado (descrição complementar)

1º Semestre 2018		
Nº	Data	Tema
1.	10 de fevereiro	EA – avaliação do trabalho realizado em 2017 e planejamento/encaminhamento do próximo encontro.
2.	24 de fevereiro	EA – conversa sobre criação de possível núcleo de comunicação no CEDECA; levantamento de equipamentos e próximos passos.
3.	07 de abril	EA – Avaliação do processo de elaboração do projeto VAI e reflexão sobre conflitos.
4.	21 de abril	EA – Encaminhamento dos conflitos e estrutura do Núcleo de Comunicação.
5.	02 de junho	Participação na exibição e debate do filme <i>Correndo atrás</i> do cineasta Jeferson Dê.
6.	29 de julho	Encontro de encerramento.

EA: Encontro de Articulação = 3

EEA: Encontro Educativo Audiovisual = 11

EPA: Encontro de Produção Audiovisual = 9

1.12 Diário de campo – descrição dos encontros complementares

Encontro 24 – 10.02.2018, 10h-14h.

Pautas: Avaliação do período formativo de 2017 e próximos passos para 2018.

Perguntas e respostas orientadoras do encontro:

1. Como foi participar e o que aprendeu?

R.: Reconhecimento de maior apropriação do grupo do uso do celular e do google drive; maturação técnica inquestionável e consequentemente melhores resultados na promoção da própria imagem.

2. Como foi ficar um ano juntos?

R.: O grupo retomou minhas observações iniciais sobre as relações entre os integrantes, reconhecidamente marcada pela falta de generosidade, como uma das “viradas” mais surpreendentes do grupo, que colocou a justificativa sobre o grande ganho de “intimidade” entre os integrantes. O grupo destacou que os momentos de brincadeira juntos foram um dos maiores facilitadores para a conquista da intimidade entre eles.

3. Será que a ideia de liberdade mudou?

R. O grupo apresentou dificuldade para decodificar a pergunta, que levou a conversa para outra direção, que contou como temas, projetos de vida, audiovisual e educação. Também conversamos sobre a importância do setor audiovisual em nossa cidade, como garantia de oportunidade para grupo como o deles e a precarização deste setor como parte do plano de dominação do Estado.

4. Produzir vídeo na periferia contribuiu em alguma coisa em suas vidas?

R. O primeiro item citado/retomado foi o reconhecimento de ganho técnico acerca do processo de produção audiovisual. Além disso, destacaram o trabalho em parceria com um amigo editor de um dos integrantes do grupo como ampliação de rede de trabalho. O grupo também destacou o ganho em relação às histórias de vitórias do bairro e o exemplo utilizado foi a realização de um dos episódios da websérie, que foi inspirado na história de um jovem jogador de futebol do bairro e como é possível a partir do vídeo transformar a morte em vida, considerando o início da websérie. O último quesito destacado pelo grupo foi a apropriação afetiva do território (conhecer vizinhos que não tinham conversado).

5. É importante conhecer o bairro, seus vizinhos?

R. O grupo respondeu que sim e justificou argumentando que dessa forma é possível saber mais do lugar onde mora e de si próprio, porque eles ocupam aquele território. A conversa terminou com uma reflexão sobre a sociedade a partir da incidência do audiovisual na vida das pessoas/indivíduos.

6. O que vamos fazer?

R. O grupo iniciou com uma reflexão ideológica sobre a websérie e possíveis formas de resolução de problemas estruturais para sua realização e finalização. Demandas objetivas de vida foi sua maior preocupação. A solução encontrada pelo grupo foi que os integrantes que tivessem condições, “capitanear” os encontros presenciais para o andamento dos trabalhos, e quem não tivesse disponibilidade poderia ajudar por internet.

Aproveitei o momento de reestruturação do grupo para questionar acerca do final da minha parceria com o CEDECA na pesquisa, e o grupo passou a discutir formas de organização para o novo momento, editais e parcerias com comércio local como possibilidade de captação de recursos.

Naquele momento o coordenador do Núcleo de Cultura fez uma fala e abriu a possibilidade do grupo estabelecer uma parceria com o CEDECA Sapopemba, para cuidar da página do Facebook e do Instagram da instituição. Isso poderia disponibilizar, ao grupo, a quantia arrecadada com a parceria para impulsionar o canal criado pelo grupo no youtube, na perspectiva de captar mais recursos a partir da monetização dos vídeos que o grupo viesse a produzir. Para tanto, o grupo elaborou um projeto da ideia do Núcleo de Comunicação para ser apresentada ao grupo gestor do CEDECA Sapopemba. Além disso, destacou-se a relevância do que está sendo construído tanto como oportunidade de crescimento individual, quanto pela luta para a garantia de direitos.

Encontro 25 – 24.02.2018, 10h-14h.

O fala do coordenador do Núcleo de Cultura no encontro anterior sobre a parceria na administração da página do Facebook e do Instagram deixou o grupo bastante empolgado. Tal empolgação se somou ao fato de o coordenador comunicar a um dos integrantes do grupo, antes deste encontro, que o CEDECA iria disponibilizar um espaço para a realização de seus trabalhos.

Com isso, o grupo deu início ao encontro refletindo sobre a organização da atual estrutura, “grupo presencial” e “grupo internet”. O presencial iniciou no encontro anterior e o “grupo internet” não fez sua parte de elaborar o projeto para o programa VAI; o “grupo presencial” decidiu que o projeto era importante e que iriam elaborar com quem estivesse disposto.

O L. capitaneou a elaboração do projeto do Núcleo de Comunicação, com a orientação do coordenador do Núcleo de Cultura, para apresentar aos educadores e gestores do CEDECA Sapopemba, que em boa parte surpreendentemente foram resistentes. Mesmo assim, o coordenador “bancou” e o projeto ficou por conta do Núcleo de Cultura.

Neste dia o grupo também me informou que mesmo com o fim de minha pesquisa, há prevista continuação de formação nessa área para o grupo e que o novo educador conhece meu trabalho.

O levantamento dos equipamentos se mobilizou bem, mas o coordenador do Núcleo de Cultura não deu conta de acompanhar o grupo. O levantamento já estava praticamente pronto. Em vista dos encaminhamentos concretos deste encontro, o grupo deu início ao trabalho de comunicação do Núcleo de Comunicação, que foi a divulgação do Sarau da Nova (Sede da Rua Nova) e iniciou o processo de elaboração do projeto para o programa VAI, na perspectiva de dar continuidade ao projeto da websérie.

Ana não foi neste dia. Foi ajudar a mãe no trabalho.

Encontro 26 – 07.04.2018, 10h-11h30min.

Apesar da confirmação do grupo presencial pelo Whatsapp, cheguei no horário previsto e apenas o O. estava na frente do CEDECA, que estava fechado. O grupo e o coordenador do Núcleo de Cultura não conseguiram se organizar para abrir o CEDECA Sapopemba no horário previsto.

Sendo assim, o O. e eu sentamos na calçada do outro lado da rua e começamos a conversar. Após falarmos um pouco sobre as séries que ele está assistindo, perguntei sobre o envio do projeto para o programa VAI, já que quando perguntei pelo grupo do whatsapp ninguém respondeu.

O. respondeu com um grande pesar que não conseguiram, não por conta de parte faltante do projeto, mas por conta da internet do CEDECA Sapopemba não deu conta de subir os arquivos para a inscrição.

Fiquei imensamente frustrado, tendo em vista tanto esforço para o grupo “morrer na praia”, injustamente. Tal injustiça também me deixou revoltado, pois mais uma vez pude identificar a exclusão digital, que conta como algoz as empresas de telecomunicações e a conivência do Estado que assiste ao estelionato legal contra o cidadão, que tem mais um aspecto da cidadania negado.

Assim que a L. e o B. chegaram, todos nós pensamos em qual o melhor encaminhamento para a situação, e o grupo propôs realizar a conversa com o L. (resolução de conflitos) sobre os desencontros no grupo ali na calçada, momento que intervi e sugeri que isso fosse feito na padaria.

Pautados na confirmação da presença do L., fomos até a casa dele e ele não estava. Por isso, o único encaminhamento foi tentar realizar a reunião com o L. por *messenger* durante a semana.

Comuniquei ao grupo que entrei em contato com o grupo virtual e que eles estão dispostos a colaborar novamente.

Encontro 27 – 21.04.2018, 13h-14h30min.

Visto que desta vez perguntei, na sexta à noite, sobre o encontro pelo grupo geral do whatsapp e não tive retorno, tive que fazer a mobilização do grupo presencial pelo modo privado do aplicativo, onde tive resposta em tempo mais curto. Parte da desmobilização de todo o grupo foi causada pelo desentendimento entre o L., C. e V.. Por isso, optamos por fazer a conversa com o L., aquela que não conseguimos fazer, pelo *messenger*, nesta data.

Por conta de o encontro ter sido realizado após o horário de almoço e parte do grupo estar com horário marcado para sair, não compramos lanche e realizamos, sem pausas, a reunião.

Inicialmente procurei fazer uma breve retomada da situação com o grupo, que mesmo sendo disperso conseguiu chegar à pauta. Em seguida solicitei um relato do L., por ser o pivô da situação, que o fez de forma brevíssima e sem maiores reflexões ou detalhes. Na perspectiva de não perder de vista o objetivo dos encontros, que é colaborar com a qualificação das relações a partir de um processo educativo audiovisual, tomando a horizontalidade como estrutura para a relação/comunicação, retomei tal premissa, dei ênfase no quanto minha escolha me deixaria exposto, mas que eu estava entendendo que tal postura era a mais pertinente para a situação.

Após contextualizar as responsabilidades de cada um no desencontro virtual, inclusive a minha, confirmei a utilização do termo autista usado pelo LG. de forma preconceituosa e expus a condição de meu filho e, conseqüentemente, minha enquanto pai de uma criança deficiente.

Minhas principais intenções foram apontar o quão grave foi a atitude dele, que isso minava sua habilidade de liderança e que a exposição de parte de minha vida era uma forma de exemplificar de forma mais objetiva possível a situação, levando em consideração a máxima horizontalidade, enfatizando o processo em aprender junto e não em apontar o dedo.

Observando a postura de cada integrante do grupo, todos com poucos momentos de dispersão e mais focados, acredito que foi a conversa mais tensa que já tivemos, pois o fato de meu filho ser deficiente causou grande comoção no grupo, que não sabiam até este momento.

Durante toda a fala, LG. não interpelou nenhuma vez, fato destacado pela L. e que é realmente relevante tendo em vista quem é o LG. Procurei não “polarizar” e fiz questão de apontar os momentos de mudança de postura e de liderança do jovem.

No final falei do encaminhamento possível, que era de haver uma conversa com todo o grupo. Ele topou e disse que não tinha o que discordar. Também aproveitou para relatar como está o trabalho do grupo, que marcou com o coordenador do Núcleo de Cultura para conversarem sobre o espaço disponibilizado pelo CEDECA ao grupo, ações realizadas na rede de comunicação e que no máximo em um mês a instituição vai começar a disponibilizar a ajuda de custo acordada para que o grupo impulse o canal no youtube.

Também ficou como encaminhamento elaborar as atribuições do grupo presencial e virtual e o B. ficou responsável pelo registro dos encontros.

Local: Clube do Professor

Este foi a primeira vez que nos encontramos após o encontro em que tratamos do desentendimento entre alguns integrantes do grupo. Neste intervalo de tempo tentei articular uma conversa com todo o grupo. No entanto, devido a diferença na agenda dos envolvidos na situação eu não consegui realizar tal tarefa.

Mesmo assim, não deixamos de comunicar pelo Whatsapp. Nas últimas mensagens para organizar esta atividade do cinema e na própria atividade, percebi que os “ruídos” estão se resolvendo por conta própria.

A organização do espaço disponibilizado pelo CEDECA Sapopemba para organização do grupo e outras atividades da instituição tem colaborado para a reaproximação e resolução dos conflitos, pois a necessidade de colaboração para realização das tarefas tem exigido generosidade por parte deles, para poderem se relacionar.

Sobre o filme, todos gostaram da narrativa e se sentiram representados. Apesar de o cenário ser a periferia do Rio de Janeiro, ela é retratada de forma diferente da mídia, não cai na estereotipação, que é justamente o que eles estão tentando fazer com o trabalho deles. Foi muito interessante eles perceberem isso e mensurar que já realizam reflexões sobre o tema há um ano e meio.

Esta atividade resultou na articulação entre nossos adolescentes e alguns outros adolescentes negros que estavam presentes e que estão formando um coletivo para trabalhar com sustentabilidade. Francisco Gaspar se prontificou a participar de debates promovidos pelo grupo e Ailton Graça quer ver a websérie que o grupo está produzindo com celular, sobre o bairro onde moram.

O grupo ficou empolgado para conhecer a Buda Filmes e ver como funciona o processo de montagem. Jeferson Dê está completamente disponível para a realização de tal tarefa, o que falta é somente ele ter um tempo em sua agenda.

Cabe ressaltar que os educadores identificaram e gostaram muito do desdobramento da atividade, deram ênfase no quanto vai ajudar para a autonomia do grupo e para o processo de apropriação da cidade, somado ao fato de considerarem a possibilidade de repetirem a atividade, tendo em vista que é gratuita e educativa.

Tal fato me permite pensar em desdobramento para além do grupo, para o trabalho da instituição também, que está em um momento financeiro muito difícil, que, em alguma medida, também influencia no resultado da minha pesquisa.

Sinto que esta atividade deu outro ar para o trabalho, pois o desentendimento, a falta de suporte no momento da minha saída, onde as visitas são mais espaçadas e algumas

questões estruturais, como a dificuldade de instalação da internet no espaço do grupo, por conta de ser favela, têm reverberado em uma execução do grupo mais morosa. A falta de acesso está sendo a principal questão para a exclusão digital.

A pretensão é que o próximo encontro com grupo seja no espaço disponibilizado pelo CEDECA Sapopemba, na perspectiva de tentar resolver as questões estruturais.

Encontro 29 – 29.07.2018, 17h-18h

Local: Pizzaria Sapopemba

Mesmo que encontro anterior tenha encaminhado para que este acontecesse na sede do Núcleo de Comunicação, para tentar pensar em soluções para as questões estruturais, não foi o que aconteceu. Diante da desmobilização do grupo optei por propor uma confraternização e finalização de meu acompanhamento.

Minha escolha se pautou principalmente no intervalo entre a atividade do filme e a confraternização, marcado por desencontros pessoais e institucionais entre/com grupo.

Quando dei início à mobilização dos grupos presenciais e de internet, achei pertinente pedir auxílio ao coordenador do Núcleo de Cultura que, no processo, atuou principalmente como articulador, mas somente quando solicitado e nem sempre respondeu às solicitações.

Para além da situação do “racha” no grupo, no contato com o coordenador do Núcleo de Cultura tomei conhecimento de mais uma situação dificultadora na relação entre o Núcleo de Comunicação e o CEDECA Sapopemba.

Por conta de o V., integrante da parte mais afastada atualmente das ações do grupo e educador do CEDECA Sapopemba, ter assumido uma relação com a AJ., integrante da parte mais afastada atualmente das ações do grupo e educanda do CEDECA, caiu-se em uma situação legal que obrigou o CEDECA a desligar o V. da instituição.

Isso gerou grande abalo na relação com ambas as partes do grupo, mas principalmente a que estava mais afastada. Sendo assim, ele não conseguiu ajudar, fato que me obrigou a pensar qual seria a estratégia mais adequada para o momento, tendo em vista todo o contexto e sem esquecer de continuar na perspectiva de estar no lugar de coadjuvante e não de protagonista na organização.

Iniciei a mobilização pelo V. e pelo C., que estão no grupo mais afastado, e depois o LG., que faz parte do grupo mais presente. Somente o LG. conseguiu articular a parte do grupo presente, mesmo que eu tenha orientado a chamar os demais, não por acaso.

Como não acordei bem de saúde, pedi ao L. para remarcarmos, mas ele se recusou a fazer isso, porque já havia feito isso uma vez – contudo, havia feito outra vez porque se precipitou e marcou sem me consultar como os demais.

Escolhi por realizar o encontro mesmo assim e resolvi averiguar se os mais afastados estavam sabendo. Não estavam sabendo e fiz uma articulação naquele momento.

Por conta de minhas condições e o fato de meus demais compromissos, cheguei um pouco mais cedo, pedi 3 pizzas na intenção de agilizar o processo. V., C., AJ. e Taissa, os afastados, chegaram no horário e logo em seguida chegou o LC., dos mais presentes.

Iniciei a conversa com perguntas sobre como estava a vida de cada um. C. falou sobre sua experiência no *Burger King*. Disse ter sido ruim e que ele não recomenda para ninguém. Em poucas reflexões chegamos ao consenso que tal empresa oferece condições de altíssima exploração e que ele era mais qualificado que muitos de seus colegas, coisa que o levou a pensar que é capaz de conseguir algo melhor.

LC. disse que seu pai está trabalhando muito de Uber e por isso está mexendo menos com computadores, mas que possivelmente ele dará aula de informática no mesmo espaço do CEDECA Sapopemba onde está a sede do Núcleo de Comunicação, que ele vai participar e que o curso oferecerá certificado.

O V. falou rapidamente e com grande pesar sobre seu desligamento do CEDECA Sapopemba e o abalo da relação com o coordenador do Núcleo de Cultura, que levou a AJ. e o C. a informar que também estão distantes e que o coordenador do Núcleo de Cultura é quem perde com isso, entendendo que eles eram o grupo mais atuante no CEDECA.

Problematizei acerca da questão legal, que pareceram considerar, mas pontuaram outras questões difíceis com o coordenador do Núcleo de Cultura, como excesso de controle sobre as ações do grupo e o uso dos equipamentos do CEDECA Sapopemba. Disseram: “O S. abre uma brechinha em uma porta, na hora que você coloca a mão para poder entrar, ele fecha para pegar o seu dedo.”

Questionei sobre o quanto é difícil se relacionar e que na relação com o coordenador do Núcleo de Cultura a escolha deles se afastarem também representa uma diminuição ao acesso aos “recursos sociais”, aos equipamentos públicos, que já são escassos na região. Além disso, destaquei a relevância do videoclipe¹¹ que o LG. participou e que foi divulgado no grupo do whatsapp do CEDECA Sapopemba e tido como divulgação de um trabalho do

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=kkTFxi43ZcM>.

Núcleo de Comunicação em parceria com a instituição, para além da participação do LG., a utilização do espaço do CEDECA e adjacências como locações.

No momento, o Núcleo de Comunicação tem contado com uma participação presente do LG., que, mesmo diante de todas as problemáticas, conseguiu arrumar uma forma de continuar o trabalho e a relação com o audiovisual que não é nova, a qual, sem dúvidas, se reconheceu.

Também falei da importância de ocuparem o espaço do CEDECA Sapopemba, como forma objetiva de garantia de direitos e de acesso à cultura, lazer e educação. Pareceram ver sentido no que falei, considerei a possibilidade de uma retomada, que precisará minimamente de um “empurrãozinho” de minha parte.

Nesse momento mesmo dei início a esta ação, relatando para o LG. a conversa com o V. e o C. Também procurei deixar aberta a possibilidade, ao LG., de uma visita à produtora do Jeferson Dê. Ele manifestou interesse e disse que irá conversar com um amigo.

No final das contas somente o grupo mais ausente compareceu ao encontro, junto com o LC., do outro grupo. A L. avisou no meio do encontro que não iria; B. não se manifestou, nem o O.; e o LG. fez contato às 19h, após a confraternização ter terminado.

Adendo: Em um encontro com Vinícius, na instituição Ação Educativa, onde ambos trabalhávamos em projetos diferentes, ele relatou rapidamente sobre o episódio com o coordenador do Núcleo de Cultura do CEDECA Sapopemba que, em resumo, conforme disse, o problema maior foi a instituição, na figura do coordenador, tomar a iniciativa de passar adiante, para outras instituições que o V. trabalhava, a informação da relação entre AJ. e V., sem seu consentimento e também porque ele não via qualquer necessidade, a não ser de prejudicá-lo, por conta dele ser maior de idade e ela menor, com uma diferença de 4 ou 5 anos entre ambos e, além disso, ele ser ex-educador da instituição que ela frequentava.

A aplicação da segunda fase dos questionários foi realizada por internet.

1.13 Considerações sobre as informações levantadas dos encontros complementares

Os encontros complementares foram realizados a partir das necessidades observadas na execução do campo. Pelas escolhas que fiz durante a execução da pesquisa foi possível coletar informações relevantes que extrapolaram o previsto. A análise dos resultados, mesmo assim, se debruçou prioritariamente sobre as informações previstas.

Retomando a necessidade do conceito de inacabamento de Freire para que uma proposta possa ser dialógica e libertadora, é importante ressaltar que o fato do surgimento de

informações que extrapolam as previstas ratifica a presença de tais conceitos na elaboração e execução desta pesquisa. Diz Freire (1996, p. 58):

Quando saio de casa para trabalhar com os alunos, não tenho dúvida nenhuma de que, inacabados e conscientes de inacabamento, abertos à procura, curiosos, “programados, mas para, aprender”, exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e de ensinar quanto mais sujeitos e não puros objetos do processo nos façamos.

Assim, ainda é possível continuar a extrapolar no diálogo libertador quando nos permitimos inclusive a trazer ideias que coadunam, mas que não fazem parte do mesmo tipo de ciência. Nesse âmbito, talvez seja interessante considerar algumas ideias do físico, professor e escritor brasileiro Marcelo Gleiser, mundialmente conhecido por promover o diálogo entre a ciência e a religião. A ideia, supracitada, de Freire dialoga diretamente com as ideias de Marcelo Gleiser contidas na obra *Ilha do conhecimento* (2014). Por trechos diversos, podemos verificar isso: “Por ora, basta imaginarmos que a Ilha do Conhecimento cresce a cada vez que descobrimos algo mais sobre o mundo e sobre nós.” (GLEISER, 2014, p. 13); “O Oceano do Desconhecido se alimenta dos nossos sucessos.” (p. 153); “Embora as ciências físicas e sociais sejam capazes de iluminar muitos aspectos do conhecimento, não têm como missão responder a todas as perguntas.” (p. 153); “Mas, para crescer, precisamos abraçar as incertezas. Estamos cercados por horizontes, pela incompletude.” (p. 154).

Tomando como premissa o diálogo entre as ideias de Freire e Gleiser, entendo esta pesquisa como a ratificação de que sempre haverá algo a ser conhecido, experimentado e edificado como condição para existirmos, estarmos no mundo, no universo; por ela também podemos encontrar uma ação humana em busca pela vida.

Neste sentido, aquilo que ainda está por ser conhecido, desvelado, assume o lugar de mistério necessário para o fomento da busca por uma referência de humanidade diferente desta humanidade imposta pela lógica de vida vigente na maior parte do mundo, a do capital. Pois, considerando que na lógica vigente a qualidade de vida de poucos se dá em detrimento da de muitos, para que haja mudança é necessário caminhar na contramão da manutenção do *status quo*, pois somente com novas ideias, conhecimentos, possibilidades e horizontes seremos capazes de caminhar em direção a uma sociedade mais justa e civilizada.

Na perspectiva de organizar e qualificar ainda mais a análise dos resultados, antes da análise propriamente dita, é importante sobre o horizonte construído durante a execução desta pesquisa e seus elementos constituintes.

2. PESQUISA-AÇÃO, ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL, *ANIMA* E DIÁRIO DE CAMPO: UMA POSSIBILIDADE METODOLÓGICA DE INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA

O Diário de Campo resultante desta investigação é o registro da minha práxis como pesquisador. Tal registro assume o lugar de sistematização de uma ação executada que se propôs a intervir em uma realidade específica: um grupo de onze adolescentes e jovens residentes do Parque Santa Madalena, região de Sapopemba, que no mapa do Índice paulista de vulnerabilidade social – IPVS 2010¹² em São Paulo está no grupo 6, considerado de vulnerabilidade muito alta.

O processo educativo contido no Diário de Campo compõe a descrição de um conjunto de práticas intencionadas, fundamentadas e ratificadas em sua execução em campo, de forma a compor uma nova pedagogia, como Paulo Freire nos incita a fazer, sempre na perspectiva pela luta por uma educação libertadora.

Nesse âmbito, o Diário de Campo assume também o lugar de subsídio ou instrumento de ação social, por conta de nele estarem contidas as medidas entre teoria e prática adotadas para a composição de tal pedagogia, que intitulo de *Pedagogia da Desilusão*. Tal processo, aqui descrito, é capaz de colaborar, principalmente, no que tange à derrubada das ilusões edificadas pela sociedade de consumo. Isso porque, para que seja possível o fomento de uma desilusão, entre suas principais premissas está que somente a reflexão crítica sobre qualquer processo não basta, como também não basta uma prática sem reflexão. Tomando como fato dessa pedagogia ser resultante de meu percurso acadêmico de pesquisa, tal premissa se fundamenta e estabelece diálogo direto com outras pedagogias já existentes, como a *Pedagogia da Práxis* de Moacir Gadotti.

Sendo assim, observando as práticas que adotei durante o processo com o grupo, todas balizadas pelas autonomia, emancipação e liberdade e que todo o trabalho de mobilização, articulação e manutenção do grupo foi feito pelo aplicativo whatsapp, desde o início da pesquisa, tais práticas só foram possíveis por conta do lugar de *animador sociocultural audiovisual* que identifiquei como mais indicado para a realização deste trabalho.

A partir da ideia de inacabamento, de Freire, e frente ao plano de trabalho planejado, que se transformou no plano de trabalho executado, coloquei a práxis adotada em diálogo direto com as animação sociocultural, educação popular e educação social.

¹² Índice Paulista de Vulnerabilidade social – IPVS 2010. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/o3_1400688004.pdf.

Entendendo a animação sociocultural como um tema novo dentro da academia, consequentemente no Brasil. As referências bibliográficas são ainda desconhecidas. Contudo, não a torna um campo menos importante. Ela abre um campo fértil de reflexão, que é onde esta pesquisa está alocada.

Desta forma, é importante refletir acerca da perspectiva dada para animação sociocultural, tendo em conta a possibilidade de colaboração desta pesquisa ao tema.

Ao pensar na etimologia do nome *Anima*, utilizado não por acaso por um coletivo de pesquisadores e profissionais coordenados pelo Prof. Dr. Victor Andrade de Melo, de onde deriva a palavra animação, é relevante pensar sobre a ação de animação sociocultural identificada e/ou emergida nesta pesquisa. Ao pesquisar a etimologia da palavra *Anima*, encontrei duas definições mais recorrentes: a primeira está atrelada a dar ânimo, coragem, força, e a segunda significa dar vida, humanidade e disposição, que é a perspectiva mais próxima desta pesquisa.

Tendo em vista que a principal marca dos indicadores sociais do Brasil é a desigualdade, a presença da pobreza está na maior parte do cotidiano dos cidadãos. Tal fato pode ser visto objetivamente no território em que o grupo pesquisado se encontra, ratificado pela negligência do Estado em vários aspectos, em vários territórios com realidades similares. Assim, colocamo-nos diante de um contexto territorial que sofre com as opressão e exclusão sociais que se replica em larga escala, dentro de uma mesma nação marcada pela desigualdade, como nos aponta Jesus Lemos em sua obra *Mapa da exclusão social: radiografia de um país assimetricamente pobre*.

Nesse domínio, para que uma ação de animação sociocultural possa ser libertadora, ela precisa caminhar na contramão da realidade imposta em territórios de alta vulnerabilidade juvenil, como o território em que o grupo pesquisado reside.

De tal maneira, a animação sociocultural é um conjunto de práticas sociopedagógicas que conta como principal objetivo a incidência sobre o contexto sociocultural de um indivíduo, grupo, instituição, território e sociedade, na perspectiva de restaurar a vida que foi roubada. Assim, na medida em que entendemos a ausência do Estado nos contextos de alta vulnerabilidade como opressão, como forma de desumanização, uma ação necrófila, a busca do oprimido pela libertação é e sempre será uma busca pela sua vida, pela sua humanidade.

Conforme diz Freire (1970, p. 37):

A pedagogia do oprimido, que busca a restauração da intersubjetividade, se apresenta como pedagogia do Homem. Somente ela, que se anima de generosidade autêntica, humanista e não “humanitarista”, pode alcançar este objetivo. Pelo contrário, a pedagogia que, partindo dos interesses egoístas dos opressores, egoísmo

camuflado de falsa generosidade, faz dos oprimidos objetos de seu humanitarismo, mantém e encarna a própria opressão. É instrumento de desumanização. Esta é a razão pela qual, como já afirmamos, esta pedagogia não pode ser elaborada nem praticada pelos opressores.

De acordo com essa premissa, a pedagogia executada e sistematizada no Diário de Campo desta pesquisa-ação, que se propôs a incidir sobre a realidade sociocultural de um grupo e de seus integrantes, residentes de um território de alta vulnerabilidade, não poderia ser elaborada, muito menos executada, por um pesquisador opressor. Ou seja, numa pesquisa-ação que conte com a animação sociocultural como sua forma de ação, os valores de quem executa a pesquisa, quem é, sua humanidade, precisará estar alinhado com as autonomia, emancipação e liberdade, para que tal ação possa atingir seu objetivo e assim promover uma mudança real dentro de um contexto sociocultural específico.

Sendo assim, uma pesquisa-ação verdadeiramente transformadora, não massificadora, só conseguirá produzir sentido para os envolvidos na ação realizada se tiver como objetivo a busca por uma nova realidade, diferente da imposta pela lógica vigente do capital. Nesse sentido, dentro da pesquisa-ação a animação sociocultural ganha ainda mais potência no que tange ao quesito produção de sentido, na medida em que retomamos o termo *Anima* e seu significado de dar vida.

Considerando que seja possível, a partir da pesquisa-ação em conjunto com a animação sociocultural, dar vazão a novos horizontes de realidades de vidas há, entre eles, possibilidade de resgate de humanidades.

Assim, num contexto onde a alta vulnerabilidade social está cotidianamente presente, mas que tem a oportunidade de contar com uma ação de uma animação sociocultural, o movimento de resgate de humanidade dos animados e do animador pode se dar a partir do diálogo entre humanidades. Já que o resgate da humanidade só é possível passando pela luta pela libertação, que não é somente do grupo pesquisado, mas também do pesquisador, a liberdade de ambos está cerceada, pela lógica social vigente.

Um território marcado pela ausência de direitos é vítima de um Estado necrófilo, que ratifica uma condição de cerceamento, de limitação e de opressão social. Nesse âmbito, de uma forma ou de outras a busca por uma sociedade mais humana, mais justa, sempre esteve entre os principais objetivos de ambas as partes, pesquisados e pesquisador.

2.1 *Anima* e sua etimologia Bachelardiana

Retomando o termo *Anima* usado pelo grupo coordenado pelo Prof. Dr. Victor

Andrade de Melo, e diante de sua significação e etimologia contidas no Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos bachelardianos, ficamos perante uma perspectiva que se alinha com a que adotei na execução da pesquisa.

Sem perder de vista a produção audiovisual em contexto de alta vulnerabilidade como cerne da pesquisa, diante da imagem e sua importância na elaboração e projeção de narrativas na sociedade em que vivemos, o conceito de Animismo de Gaston Bachelard colabora para entender a dialogicidade entre as humanidades do grupo pesquisado e do pesquisador.

Partindo disso, no animismo não só se encontram subsídios para entender a dialogicidade, mas também possibilita a me reencontrar com uma literatura que fez parte da minha vida a muito tempo atrás, que é a mitologia Grega, Egípcia e as ciências ocultas, não por acaso presentes em minha trajetória de vida. Assim, conforme a definição de Bachelard (apud FERREIRA, 2013, p. 22)

[...] o animismo é uma projeção impulsionada pela imaginação que a tudo anima e vivifica. Os alquimistas foram os primeiros a manifestar um animismo “que se multiplica em experiências inumeráveis”. Ao transformar a matéria ou metal vil em ouro, ele projeta seus sonhos e os seus devaneios. O poeta projeta seu ser em seus devaneios. “Uma chama que morre adormecendo” é a expectativa que ele apresenta diante da morte.

Em outra passagem (apud FERREIRA, 2013, p. 22)

O animismo do alquimista não se contenta em exprimir-se em hinos gerais sobre a vida. As convicções animistas do alquimista não se concentram numa participação imediata, como sucede no animismo ingênuo, natural. O animismo estudioso é aqui um animismo que se experimenta, que se multiplica em experiências, inumeráveis. Em seu laboratório, o animista faz experiências com seus devaneios.

Com isso, parece haver uma semelhança muito grande entre um educador(a), (pesquisador(a), animador(a) popular, social, comunitário) e um alquimista. Apesar de parecer projeção de sonhos e devaneios, é preciso considerar que antes da transformação propriamente dita se faz necessário o desejo, o sonho, o devaneio da transformação. Quanto à segunda definição, há precisão de certa habilidade em ler um contexto e conseguir identificar os elementos e ações necessárias para promover uma transformação do material e/ou contexto comum, como o ferro que alveja e causa dor em vida que reluz feito ouro. Em relação à terceira, considera-se a capacidade de promover a comunhão entre todos os elementos envolvidos em uma ação de transformação, na perspectiva de colaborar na edificação de novas possibilidades para contextos oprimidos.

Há, possivelmente, outras similaridades entre pesquisador e o alquimista, mas esse conjunto de reflexões já nos aponta que uma similaridade entre ambos está na relação com a transformação, que aqui pode significar oportunizar o resgate da humanização, da vida.

O pesquisador que se propõe a realizar uma pesquisa-ação, obrigatoriamente se dispõe a incidir sobre uma realidade sociocultural em que a horizontalidade precisa orientar as relações, pois penso que somente assim será possível sonhar e/ou projetar uma nova realidade.

2.2 *Comfusão* um caminho possível na luta pela libertação

Tendo em vista a necessidade de deixar mais nítida a definição para o termo *(Con)fusão* agora *Comfusão*, fundamental para as reflexões nesta pesquisa, pretendo me debruçar sobre tal reflexão que iniciei em meu trabalho de conclusão de curso em Educomunicação: mídias, comunicação e educação, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

Para tanto, optei por identificar palavras-chave relacionadas diretamente com a ideia de *Comfusão*, dentro dos 21 parágrafos do *Capítulo 8. Reflexão sobre a caminhada*, onde está a principal ponderação sobre a ideia em minha monografia.

2.2.1 Reflexão sobre a caminhada

P1- Quando olho para o trajeto do eu educador e da consolidação da proposta metodológica RoteiroAção, visualizo uma intervenção educacional direta naquilo que tange tanto à produção de sentido do pesquisador (eu), quanto na produção de sentido dos educandos(as) participantes da pesquisa.

P2- A linguagem cinematográfica, dentro deste processo, atuou na forma de representação desta intervenção, como grande mediadora na construção de conhecimento e artifício tecnológico da revolução industrial, que foi capaz de incidir na construção de sentidos dos seres humanos envolvidos nesta proposta.

P3- Entendendo a educação como paradigma orientador, RoteiroAção como metodologia audiovisual, a linguagem cinematográfica como forma de expressão e a Fundação CASA como contexto, lugar onde a palavra e a imagem encontraram-se para dar origem a narrativas audiovisuais, evidencia-se nos uma relação direta na construção de signos, que é por onde o homem constrói suas relações e conseqüentemente sua forma de pensar, sua consciência.

A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. (BAKHTIN, 2006, p. 34).

P4- À medida que todo este processo contou com a construção de representações narrativas, resultante da relação entre diversos indivíduos sociais, tendo uma proposta metodológica como “materializadora” destes signos, contamos com uma forma de construção de consciência de um grupo, composto por uma diversidade de indivíduos e instituições sociais.

P5- Os signos representados nas narrativas audiovisuais são objetivamente uma expressão da consciência dos educandos(as), a partir de uma intervenção arte-educativa com suas devidas intenções, dentro de um contexto institucional em que seu objetivo não está a favor da maioria e colabora na reprodução de um discurso hegemônico, difundido massivamente pela indústria da cultura como instrumento ideológico.

P6- Desta forma nos deparamos com um fenômeno ideológico, registrado por uma representação semiótica de uma realidade objetiva dos signos de um determinado grupo social.

P7- E se para Bakhtin o signo alimenta o desenvolvimento da consciência, que por sua vez reflete sua própria lógica e leis, então, quando olhamos para as representações resultantes do processo, para seus realizadores e ao ato infracional, ponto importante de todo este percurso, ficamos diante do registro de uma lógica de consciência que cria rupturas na lógica vigente, a do capital, a do privilégio de poucos em detrimentos de muitos.

P8- É a partir da identificação dessa outra lógica, que também faz uso da comunicação ideológica, que esta investigação procurou uma forma de dar voz a grupos sociais compostos por indivíduos, que ainda estão em desenvolvimento, que estão em conflito com a lei e que hoje se encontram privados de vários direitos, mas um em especial, que está entre os fundamentais, o direito à liberdade.

P9- Na medida em que identificamos outra lógica, consequentemente nos deparamos com outra forma de se organizar, outra cultura, que sua expressão foi viabilizada por uma ação a partir de um paradigma muito bem fundamentado, mas que não quer dizer que não esteja em construção.

P10- Desse modo, a cultura não fica restrita à manifestação de juízo de valor moral ou mero modelo de comportamento de uma formação social, mas enquanto processo que se consolida em realidades sociais específicas.

P11- Sendo assim, é possível afirmar que a produção cultural ou simbólica de uma sociedade, de um grupo, onde se encontra presente algum tipo de mídia, como o cinema, nossas formas de pensamento, de produção de opiniões e sentidos estão diretamente atreladas às nossas condições de estudo, trabalho e primordialmente à origem familiar.

A cultura, enquanto forma de linguagem, mediadora e produtora de sentido/significado, é responsável pelos consensos de valores e comportamentos das sociedades; conseqüentemente, a cultura como organizadora do mundo serve como reguladora das nossas mentes. (SETTON, 2010, p. 20).

P12- Por este motivo, faz-se necessário estudar os aspectos ideológicos implícitos na cultura das mídias, na perspectiva de entender como as formas simbólicas estabelecem diálogo com as relações de poder da sociedade, a fim de se opor ou legitimar comportamentos previamente estabelecidos por uma lógica hegemônica.

P13- Entendendo a cultura como um sistema simbólico, passamos a ter um veículo de sentido que, quando midiaticizado, passa a oferecer um discurso capaz de “criar verdades”.

P14- Assim é possível dizer que o significado do discurso não se dá por si só, mas pela articulação entre linguagens utilizadas para uma narrativa e o contexto onde estão inseridas.

P15- Nesse sentido, temos uma narrativa reflexiva que procurou articular a linguagem cinematográfica dentro de um contexto de privação da liberdade, com o objetivo de criar espaços capazes de dar vazão à produção de novos sentidos, de promover uma consolidação de “verdades” singulares e colaborativas, fundamentadas em uma concepção de mundo inovadora, com aspectos democráticos, libertários e dialógicos.

P16- Considerando a importância da cultura para a produção de significados, que assume o lugar de reguladora de nossa conduta e da prática social, fato que ratifica a relevância em saber a origem da produção dos sentidos contida na cultura midiática, pois é nela onde será possível identificar quais os valores que estão sendo tomados como orientadores na organização da sociedade (BRUNER, 2001, p. 45).

P17- Nesse domínio, temos um panorama que coloca em evidência a extrema necessidade de cuidar dos conteúdos e formas a serem representados em uma mídia. A partir desse horizonte, procurou fazer as escolhas para o percurso, pois este é um caminho para a incidência direta na produção de sentido de um indivíduo, de um grupo social.

P18- Tendo em vista a importância dessa proposta metodológica, procurei aproximar ainda mais os cotidianos pessoal e profissional, a partir de um processo de fundamentação e sistematização propiciada por uma experiência acadêmica.

P19- É por esse conjunto de estratégias pedagógicas, resultado de uma trajetória árdua, a partir de um paradigma fundamentado pela liberdade, democracia e dialogicidade, que ficam evidentes os valores aqui implícitos.

P20- Valores que não se resumem apenas a valores contidos no paradigma, mas também nos valores do pesquisador, que conscientemente opta por uma proposta participativa, interventiva.

P21- Nesse momento me vejo diante de uma (con)fusão com o objeto de pesquisa, com a proposta pedagógica e, em certa medida, até mesmo com a história da maior parte dos meninos, partindo de uma premissa muito comum, que também sou preto, pobre e periférico, mas que consegui superar as “expectativas sociais” reservadas para o grupo social ao qual faço parte.

2.2.2 Palavras-chave selecionadas

P18 - Relevância, metodologia, aproximação, academia.

P19 - Conjunto, resultado, paradigma, valores.

P20 - Valores, paradigma, pesquisador, interação.

P21 - Pedagogia, história, preto, periferia.

Para além destas 16 palavras-chave, retiradas prioritariamente dos últimos quatro parágrafos do capítulo citado, onde se pensa mais objetivamente acerca da ideia, também existe uma abstração conceitual dentro da palavra (con)fusão. Deu-se em tentar criar um neologismo para ideia de *Com Fusão*, onde um se funde ao outro para se tornarem um, um mesmo olhar composto de vários outros olhares, para um mundo com diversas realidades. Pois, na medida em que reconheço o outro e o outro me reconhece como ser humano, o diálogo entre as humanidades possibilita uma aproximação entre paradigmas.

Se, grosso modo, podemos dizer que paradigma é uma lupa para entendermos este mundo cheio de seres humanos e suas respectivas lupas, consequentemente são elas quem balizam nossas relações e nossa existência no mundo.

De tal modo, ao aproximar os paradigmas daqueles que são oprimidos pelo Estado, que nesta pesquisa são os integrantes do grupo pesquisado e o pesquisador, penso que é promovida uma ampliação mútua de repertório, capaz de desvelar a violência decorrente da manutenção do *status quo* e tentar desiludir aqueles que estão iludidos com o *mundo do capital*.

Quanto às palavras-chave, não por acaso são duas as únicas palavras que se repetem entre os parágrafos 18 e 21, onde estão as principais ideias sobre o conceito de *Comfusão*. Uma delas é *paradigma*, principal lugar de incidência para a criação de um *estado de ilusão*

do sujeito social propiciado por um *Estado de Ilusão*, haja vista o governo vigente e suas *ilusões fakenianas* e a luta para mantê-las à força. A segunda é *valores* que, não por acaso, representa justamente a crise existencial do ser humano neste momento, que extrapola a inversão e chega à distorção dos valores. Então, ficamos diante de uma sociedade em que os valores que a compõe visam ao *necro* e não à vida.

Em uma sociedade onde vivemos para ter e não para ser, o cotidiano comum da sociedade massificada está pautada pela lógica do capital, do consumo, onde o sonho, lugar da forma subjetiva da liberdade, é o que difere o objetivo do opressor e do oprimido.

Considerando este conjunto de reflexões, acredito que *Comfusão* hoje seja um conceito ainda inacabado, que aqui se coloca diante do mundo e suas diversas realidades, que se estrutura na perspectiva de dar vida, fazer com o outro e não para o outro, unir o que nunca esteve separado, pois *Eu só existo porque nós existimos* – Ubuntu.

Interpreto Ubuntu como o Ser-em-movimento, aberto para o Outro e que se concretiza nessas categorias ontológicas: Ki-ntu (ser-força-coisa), Ha-ntu (ser-força lugar-espço), Ka-Ntu (ser-força-modalidade) e Mu-ntu (ser-força-pessoa). Ubu é que faz a ligação entre todos os seres. Essa ligação acontece através da Solidariedade Cósmica, Movimento-Comunhão ou Participação processual. O Exu, na filosofia nagô, é a entidade do movimento que nos conecta com o Biso-Nós-cósmico. Bisoidade, para Ntumba, seria então a Realidade-Total, processual, multiforme e global. Para Ramose, Ubu-Ntu, SerSendo que se manifesta em todos seres particulares que formam o mundo. (MALOMALO, 2017, p. 3)

Tendo em vista uma *Comfusão* entre as humanidades presentes na pesquisa, partindo da premissa básica de quem sou, sujeito 4P¹³, quem foi este grupo pesquisado e a similaridade entre os territórios onde residem tanto o grupo pesquisado como o pesquisador, periferias, na perspectiva de caminhar na contramão dos valores impostos pela lógica hegemônica, foram os valores civilizatórios afro-brasileiros quem me apontaram o horizonte na qual eu deveria perseguir.

Em um processo de *confundir-se* com o outro, na busca pelo *encontro necessário*, sempre haverá diálogos a serem realizados para a superação de desafios. Por mais que sejamos cuidadosos, o erro sempre deve ser considerado como possibilidade, pois errar com a intenção de caminhar em direção ao outro é uma tentativa de acertar.

Toda *comfusão* conta com o erro em seu percurso, já que na *comfusão* não estaremos livre de sermos confundidos pelas artimanhas de uma lógica em que a intenção é a desumanização e não a humanização do humano.

¹³ “Pai, preto, pobre e periférico”, cf. Apêndice B.

Diante da possibilidade de ser confundido pela lógica vigente e a importância do erro no percurso da *confusão*, errar por acreditar que caminhar em direção ao outro e não contra o outro possa colaborar para a construção de um mundo mais humano, abre-se também uma possibilidade de reconstrução de si próprio com mais informações acerca da lógica vigente.

Ser derrubado pela lógica hegemônica e conseguir levantar novamente é levantar diferente de quem se foi ontem, ergue-se uma pessoa mais desiludida com o mundo em que vivemos, mas não menos forte, como o rapper Orochi versa na música *Milionários*: “*caminho certo: a morte e o que não me mata me deixa mais forte.*”¹⁴

¹⁴ Maquiny; Orochi. *Milionários*. Produção: Kizzy. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tHxOgMIUxvY>.

3. DADOS COLETADOS

A fonte inicial e final para a coleta dos dados foi constituída por um grupo de adolescentes e jovens atendidos pelo CEDECA Sapopemba, bem como o espaço urbano no qual interagem, que inclui família, moradia, comunidade local, escola, espaços de artes, lazer, esporte e cultura.

3.1 Análise do perfil do grupo: Cor/Etnia, Gênero e Redes Sociais

Para a análise do grupo, a figura 1 evidencia Cor/Etnia e o Gênero aos quais se identificam.

Figura 1 – Cor/Etnia, Gênero e Redes Sociais mais utilizadas

A figura 2, por sua vez, evidencia quais redes sociais mais utilizadas pelos integrantes do grupo pesquisado.

Figura 2 – Redes Sociais mais utilizadas pelos integrantes do grupo pesquisado

Cor/Etnia: Frente a este quesito, tendo em vista os povos que edificaram a nação brasileira, somando os não-brancos, negros e pardos que fazem parte de um mesmo grupo étnico, temos 72,8% no total. Então, são: 72,8% negros(as) e pardos(as), 27,2% de brancos e nenhum indígena.

Esses números ratificam o que historicamente já é sabido: que territórios com alta vulnerabilidade social tem cor, e é negra, e há invisibilidade indígena.

Considerando a objetividade dos números, que nesta pesquisa nos mostra que o território do grupo pesquisado é majoritariamente negro, ficamos diante do fato de que os indivíduos residentes no território onde a pesquisa aconteceu são resultados objetivos da desigualdade social histórica da sociedade brasileira.

Tal amplitude no panorama pode ser subsidiado principalmente pela obra *Mapa da exclusão social do Brasil*, de José de Jesus Lemos (2012), que aponta a desigualdade social como principal característica do Brasil e que pode ser ratificada em seus indicadores econômicos e sociais:

Uma parcela diminuta da população aufere padrões de renda e de qualidade de vida semelhantes aos observados nas economias mais ricas do planeta, ao passo que na base da pirâmide da distribuição da renda situa-se uma parcela substancial da população, que sobrevive em condições bastante precárias, e até mesmo não dignificantes com a condição de seres humanos. (LEMOS, 2012, p. 15)

Neste sentido, conforme a exclusão digital identificada no território do grupo pesquisado e frente ao Direito Humano à Comunicação¹⁵ evidencia-se uma negligência objetiva quanto a este direito. Direito negligenciado é sinônimo de direito cerceado. Caso identifiquemos o cerceamento de direitos de um grupo composto por seres humanos em desenvolvimento, consequentemente ficaremos diante de uma incidência direta dos meios de comunicação no processo da construção de identidade de negros(as).

Mas, quando se fala em Internet no Brasil, deve-se considerar ainda o enorme *gap* que existe no acesso. Apenas 54% da população brasileira possuía acesso à internet em seu domicílio em 2016 (Pesquisa TIC Domicílios realizada pelo CETIC.br). Aproximadamente 95 milhões de brasileiros e brasileiras não possuem nenhum tipo de conexão em casa, nem mesmo a partir do celular. E este abismo já foi muito pior: em 2003, um branco nas mesmas condições de um negro tinha 167% mais chances de acessar a internet, segundo o Mapa da Exclusão Digital (Fundação Getúlio Vargas). (MIELKE, 2018)

Dessa forma, retomando o cerne da pesquisa que é *Produção audiovisual em contexto de vulnerabilidade como prática educativa libertadora*, conforme a ausência das

¹⁵ Nesta pesquisa, o Direito Humano à Comunicação ou simplesmente Direito à Comunicação, amplamente discutido em vários lugares do mundo, está balizado pelas ideias de comunicação autêntica defendida por Freire.

narrativa e estética negras nos diversos meios de comunicação existentes dentro e fora dos territórios de alta vulnerabilidade social, ficamos mais uma vez diante da ratificação de um cerceamento estrutural narrativo e estético de negros(as), neste caso na cidade de São Paulo.

Sendo assim, se a maior parte do grupo pesquisado é de negros(as) e pardos(as) que, além disso, nunca dominaram os grandes meios de produção e comunicação na história do país, é fato que sua imagem, sua estética, historicamente sempre esteve à margem, na periferia da estética hegemônica branca. Há, então, um prejuízo da representação da imagem de negros(as) na sociedade em que vivemos e isso afeta suas percepções de mundo.

Ao observarmos os episódios produzidos para a websérie *Madalena, que bairro é esse?*, na qual o objetivo do grupo pesquisado foi *mostrar como na periferia existem histórias de vencedores*, na perspectiva de contrapor a imagem construída pela grande mídia em relação ao bairro onde residem, fica patente que estamos diante de uma ação sociocultural audiovisual contra-hegemônica. Pois, nesta dialética entre narrativas dominadoras brancas e narrativas dominadas negras nos diversos meios de comunicação, se existe uma que é dominante, para que ela possa dominar se faz necessário desqualificar a outra, a *narrativa ameaçadora não branca*.

A escravização praticada durante séculos no Brasil compõe a estrutura da justificativa para a ausência de narrativas vitoriosas e libertadoras de negros(as) na história da comunicação e educação do país.

Considerando tal conjuntura, onde estão *presentes as ausências* de narrativas negras vitoriosas e libertadoras, apagadas da história do Brasil também pelos veículos comunicacionais e educacionais, pode ser no processo de produção do material audiovisual desta pesquisa onde esteja a essência daquilo que pode ser tomado como referência de uma prática educativa libertadora.

Em análise preliminar do conteúdo audiovisual produzido pelo grupo pesquisado, o fato do roteiro ter sido criado coletivamente, por conter possibilidades de mudanças na narrativa, haja vista a possibilidade de escolhas diferentes de personagens, atrelado ao protagonismo do grupo pesquisado acerca do processo de produção audiovisual, ficamos diante de uma busca objetiva de um grupo e de seus integrantes pela libertação, pela possibilidade de sonhar com uma imagem mais humana.

Considerando o diálogo entre educação e comunicação, no bojo do êxito do trabalho está o fato de desvelar a opressão contida nas narrativas hegemônicas. Contudo, não somente isso. Há, também, desvelamento da necessidade objetiva do cumprimento das leis deste

segmento, pois somente desta forma será possível uma real transformação da imagem de contextos de alta vulnerabilidade. Conforme a Constituição Federal (BRASIL, 1988):

Art. 221. A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios: I preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; II promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação; III regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei; IV respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Tomando como premissa tal lei e seus respectivos incisos, frente ao cerceamento estético e narrativo do negro apontando, pode-se dizer que há uma ação objetiva do racismo na estrutura das narrativas produzidas pelos grandes meios de comunicação no Brasil.

Considerando esse cenário, também se ratifica a potência da produção audiovisual em territórios de alta vulnerabilidade e a fertilidade da internet para a construção de narrativas contra hegemônicas.

Gênero: O grupo é composto de 45,5% meninas e 54,5% meninos, um grupo pode ser classificado como equilibrado quanto a este quesito.

O racismo e o machismo estão na estrutura da sociedade em que vivemos. Por isso, esse equilíbrio entre meninos e meninas é, em primeiro lugar, reflexo do trabalho do CEDECA Sapopemba, que junto à comunidade local faz a equidade de gênero e racial/étnica – levando em consideração a composição total da região – ser dois de seus parâmetros.

Isso foi um facilitador para a pesquisa, pois as problematizações que realizei após identificar uma cultura do grupo em escutar músicas com aspectos machistas, principalmente Funk, fez com que fizéssemos um debate e, por conseguinte, consegui ser escutado de forma qualificada pelos meninos do grupo.

A escuta qualificada destes meninos consta na Descrição do Campo, no momento dos cafés da manhã. Evidencia-se, assim, a necessidade da equidade de gênero em qualquer prática pedagógica que se proponha a não reproduzir pedagogias em que o machismo e a competição sejam estruturantes. Uma pedagogia hoje que não tenha a equidade de gênero em seu horizonte está muito distante de uma pedagogia transformadora e libertadora.

Para que uma pedagogia possa ser libertadora se faz necessário que nela também esteja contida uma pedagogia feminista.

Pedagogias feministas: argumentos e críticas

As formulações pedagógicas construídas na ótica feminista apoiam-se no reconhecimento das desigualdades vividas por meninas e mulheres em relação aos meninos e homens, no interior das instituições escolares (algumas delas examinadas nos capítulos anteriores). A partir da constatação de que a educação formal – na sua concepção, em suas políticas e suas práticas – havia sido e continua a ser definida e

governada pelos homens, estudiosas feministas procuraram produzir um paradigma educacional que se contrapusesse aos paradigmas vigentes. De uma forma muito ampla, talvez se possa dizer que a lógica subjacente a esta proposta se assenta em alguns dualismos “clássicos”: competição/cooperação; objetividade/subjetividade; ensino/aprendizagem; hierarquia/igualdade – dualismos em que o primeiro termo representa o modelo androcêntrico de educação e o segundo termo aponta para a concepção feminista. (LOURO, 1997, p. 112).

Redes sociais: Entre as várias redes sociais existentes no mundo da internet, o Facebook e Whatsapp aparecem na liderança. Observando a descrição dos encontros e a relação do grupo pesquisado com o Facebook, a partir dos diálogos e por visualização de posts, a *necessidade por ser visto(a)* a partir da publicização que procura responder à pergunta do Facebook “*No que você está pensando...?*” fica evidente.

Desta forma, penso que nesta relação do grupo pesquisado com o Facebook possa ser observada a partir das ideias de Walter Benjamin, no texto *A obra de arte dentro da reprodutibilidade técnica*, mais especificamente no conceito *Exigência em ser filmado*.

Em seu texto Walter Benjamin faz menção a um momento da cinematografia russa, que se aproxima da estética operária daquela época e a coloca em cena.

No caso da pesquisa, o Facebook funciona como uma *face* da internet que permite uma *democratização* da possibilidade de exibição da imagem de cada pessoa, sem perder de vista o perfil e a exclusão digital presente no território.

Por sua vez, o Whatsapp, onde não por acaso aconteceram as comunicações para a articulação e execução de toda a pesquisa, apresentou uma relação muito forte com uma comunicação objetiva e funcional, mas não só. Nele também identifiquei o mesmo fenômeno do Facebook, mas de forma diferente, pois pelo Whatsapp a exigência por ser visto(a) e/ou filmado(a) desses meninos e meninas acontece de forma um pouco mais direcionada. Ademais, é importante ressaltar que aquilo que foi produzido dentro e fora dos encontros e que passou pelo Whatsapp, foi enviado para contatos e grupos da rede deles.

Considerando tal cenário, frente ao fato da internet ser um terreno fértil para a democratização do Direito à Comunicação, penso que ficamos diante de um “deslocamento” objetivo das formas de relações de poder na sociedade, tendo em vista que a *Exigência em ser filmado* hoje se dá de outra forma.

3.2 Escolaridade e Emprego

Figura 3 – Escolaridade - Início da Pesquisa

Figura 4 – Escolaridade - *Final da Pesquisa*

No grupo pesquisado, 54,5% estão cursando o ensino fundamental II. Ao final da pesquisa, 45,5%. Quanto ao ensino médio, no início havia 27,3% e ao final 18,2%. Universitários 9,1%, no início, 18,2% ao final da pesquisa. Do total de estudantes, em qualquer nível, havia 72% no início da pesquisa, tendo subido para 81,8% ao final.

Ao colocarmos tais números frente ao sistema educacional, pragmaticamente ficamos diante de um resultado de inércia do próprio sistema educacional. Porém, caso atentemos ao fato que durante todo o processo todos(as) os(as) adolescentes e jovens não pararam de estudar, e mais, aqueles que já tinham finalizado o ensino médio, no início da pesquisa, ao final da pesquisa haviam ingressado na faculdade, os conceitos de autonomia, emancipação e liberdade trabalhados na pesquisa foram suficientes para produzir sentido para todo o grupo se manter estudando e sonhando.

Nesse cenário, a educação está intimamente atrelada à transformação. O grupo pesquisado se manteve estudando e sonhando, coisa que confirma o desejo do grupo pela própria transformação, por viver em um território em que a morte assola.

Quanto ao quesito Emprego, temos os seguintes dados:

Figura 5 – Carteira de Trabalho - Início e Final da Pesquisa

Início da pesquisa

Final da pesquisa

Trabalha com Carteira Registrada?
11 responses

● Sim
● Não

Trabalha com Carteira Registrada?
11 responses

● Sim
● Não

Como fica evidente nos números, não havia absolutamente ninguém que trabalhasse com carteira assinada no início da pesquisa. Ao final da pesquisa havia 18,2% trabalhando com carteira assinada.

Considerando, no entanto, que neste quesito existe uma questão legal que determina a idade mínima para o trabalho com carteira assinada, penso que seja pertinente tomá-la como uma das balizas para a análise.

7º XXXIII da CRFB/88 veda o **trabalho** do menor de 14 anos, assim transcrito: proibição de **trabalho** noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito e de qualquer **trabalho** a menores de dezesesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos, alterado pela EC 20, revoga o texto do **art. 60** do **ECA**. (BRASIL, 1990).

Tomando como parâmetro a legislação, é possível analisar o quesito de forma qualitativa, levando em consideração a idade dos integrantes do grupo pesquisado.

Quadro 4 – Datas de nascimento dxs integrantes do grupo e idade ao final do campo (2018)

Data de Nascimento	Idade em 2018
27.07.1997	20 anos
25.03.1998	20 anos
01.04.1998	20 anos
27.08.1998	19 anos
27.02.2002	16 anos
06.07.2002	16 anos
23.04.2003	15 anos
27.08.2003	15 anos
10.06.2004	14 anos
18.05.2005	13 anos
19.07.2006	12 anos

Se dos 11 integrantes do grupo pesquisado somente 4 chegaram ao final do campo com idade para trabalhar com carteira assinada, os 18,2% sobem para 50%, tendo em vista que neste grupo de 4 jovens, 2 chegaram ao final dos encontros com suas carteiras assinadas.

Esse também é decorrente, mas não somente, da inércia existente na própria estrutura do sistema, que empurra os jovens, nesta idade, para o mercado de trabalho, seja ele qual for.

Para além da inércia social, neste momento os jovens, que foram crianças e adolescentes do Parque Santa Madalena, encontram-se em um momento diferente na relação estar no mundo, mercado e consumo.

Os jovens que chegam ao final da pesquisa com idade para ter a carteira registrada. 100% destes são negros, que em 2018 tinham entre 19 e 20 anos.

Conforme o Instituto Sou da Paz, entre Janeiro de 2012 e junho de 2013 houve um aumento no percentual de mortes entre jovens negros. Nesse período, a taxa de vitimização de jovens negros na capital foi superior a todo o estado de São Paulo, chegando a 2,5 vezes mais mortes que os demais grupos que compõem a cidade¹⁶. Ou seja, exatamente o perfil do grupo pesquisado que, frente ao fato de todos chegarem vivos ao final do campo, faz considerar que o processo formativo tenha sido um dos colaboradores para tanto, que está, por sua vez, conectado ao meu desejo em colaborar com a vida em um território vítima de ações necrófilas sistemáticas.

Acredito que este quesito apresenta algo muito similar ao quesito *Escolaridade*, pois aqui também é possível identificar a presença das autonomia, emancipação e liberdade no processo de produção de sentido desses jovens.

A Carteira de Trabalho está intrinsecamente ligada ao trabalho, ao dinheiro, consequentemente também à economia. Tal percurso pode estabelecer uma relação direta com a abordagem do desenvolvimento como liberdade, a partir das ideias de Amartya Sen.

Não pretendo aqui afirmar que a pesquisa deu conta de sanar quaisquer das omissões promovidas pelo Estado, mas se 50% desses jovens negros chegaram ao final do campo com suas carteiras de trabalho registradas, somado ao fato de continuarem a fazer parte do grupo, penso que seja mais uma ratificação de um processo de produção de sentido experimentado por estes jovens.

Produção de sentido acerca de quem são, do território que pertencem, seu momento de vida, o grupo étnico que eles fazem parte, frente a uma sociedade que assiste ao genocídio da juventude negra, pobre, periférica e culpada antes mesmo de nascer.

3.3 Autonomia, Emancipação e Liberdade

Figura 6 – Autonomia, Dependência e Liberdade - *Início da Pesquisa*

¹⁶ Homicídios na cidade de São Paulo: diagnóstico de ocorrências registradas entre janeiro de 2012 e junho de 2013.

Quesitos de Avaliação (Dependência)

A dependência é caracterizada tanto pela incapacidade civil de realizar certas ações quanto pela ausência de autonomia e de liberdade nas escolhas e decisões que toma. Marque a coluna que indica seu grau de dependência em relação a sua família.

Figura 7 – Autonomia, Dependência e Liberdade - Final da Pesquisa

Quesitos de Avaliação (Dependência)

A dependência é caracterizada tanto pela incapacidade civil de realizar certas ações quanto pela ausência de autonomia e de liberdade nas escolhas e decisões que toma. Marque a coluna que indica seu grau de dependência em relação a sua família.

Em síntese, os indicadores nos passam algumas informações relevantes. Quanto ao grupo 1, ao início da pesquisa tínhamos de dependência em relação à família: *saúde/remédios* 100%; *trabalho* 100%; *cultura* 50%; *esportes* 75%; *férias* 75%; e *dinheiro* 75%. Ao final, as porcentagens se alteraram: *saúde/remédios* 75%; *trabalho* 25%; *cultura* 0%; *esportes* 0%; *férias* 0%; e *dinheiro* 50%.

Entre todas as categorias, a mais relevante, que acaba incidindo nas demais, é a *dinheiro*. Muito provavelmente caiu de 100% para 50% pela confluência com a categoria anterior, *carteira assinada*.

Se dois jovens chegaram ao final do campo com suas carteiras de trabalho registradas, significa que seus direitos trabalhistas foram contratualmente assegurados e que objetivamente os fazem ser menos dependentes da família nos quesitos trabalho e dinheiro.

Ser menos dependente da família financeiramente significa um aumento objetivo na autonomia desses jovens negros para estarem neste mundo, ainda que existam outros fatores

relevantes, como a desigualdade e a exclusão social, a lógica da sociedade que se divide e oprime uma parcela considerável e etc.

Mesmo assim, maior autonomia para estar no mundo significa conseguir se afastar da necessidade de tutela da família, caminhando para um processo de emancipação que, por sua vez, abre margem para se uma melhor apropriação dentro da lógica vigente, para se desiludirem acerca do mundo em que vivem e assim poderem elaborar uma visão de mundo que oportunize estarem mais próximos de quem são e não daquilo que a sociedade quer que eles sejam e assim possam se reencontrarem consigo mesmos.

Nesse sentido, dentro da lógica do capital, esses jovens conseguiram caminhar em direção às suas liberdades, pois, ao aumentarem seu poder econômico e escolherem continuar frequentando os encontros promovidos pela pesquisa, na qual não contavam com nenhuma remuneração, evidencia-se que a principal relação deles com suas carteiras assinadas e do grupo de forma geral estabelecida com a pesquisa e com o pesquisador não estava na dimensão objetiva e sim na subjetiva, onde a forma da liberdade se fez plenamente presente.

Independente da dimensão, seja ela subjetiva ou objetiva, esta é uma situação possível para identificar o diálogo objetivo entre o conceito de liberdade de Paulo Freire, que passa pelo encontro de si mesmo no mundo, e de Amartya Sen, que traz a ideia do desenvolvimento econômico como liberdade.

Considerando a existência de tal diálogo, estes jovens, ao se apropriarem de quem são e da realidade do contexto em que estão inseridos, passam a estabelecer outra relação com suas próprias histórias. Se nessa nova relação com suas histórias a liberdade está presente, o encontro consigo próprio significa a confirmação de um movimento de humanização por parte deles, ainda que assolados cotidianamente pela lógica do capital.

Nessa pequena amostra, tal como evidenciadas nas figuras 6 e 7, em que dinheiro e trabalho se apresentam na estrutura para qualquer sujeito estar neste mundo do capital, todos os demais indicadores sofrerão com seus atravessamentos, pelo fato de estarem presentes na estrutura da lógica vigente.

Tomando a cultura como uma *reguladora de mentes* e um indicador da pesquisa que também caiu em relação à dependência, de forma geral, todo o grupo pesquisado conseguiu regular suas mentes para caminharem no sentido da libertação.

A diminuição da dependência no indicador cultura é um ganho de autonomia para que cada integrante do grupo pudesse regular a própria mente. Além disso, a cultura, para além de um indicador, como parte na estrutura da práxis utilizada e alicerçada pela

Educomunicação, indica que o grupo objetivamente diminuiu a necessidade de tutela da família para sua organização dentro do contexto em que estão inseridos.

É, por isso, um grupo que conseguiu elaborar uma percepção de mundo crítica, por desvelarem determinadas ilusões sociais atreladas à construção de suas imagens e, assim, identificarem as desigualdades presentes na sociedade em que estão.

Tomar ciência de forma mais representativa da exclusão social presente no próprio cotidiano e tentar construir narrativas diferentes das narrativas hegemônicas é uma confirmação da indignação do grupo pesquisado.

Se entendermos que se indignar nos aponta para um processo de tomada de consciência, cada integrante do grupo experimentou, em alguma medida, esse processo de tomada de consciência, que não é estanque e sim resultado de uma construção que pode ter sido iniciada pelo CEDECA Sapopemba e qualificada pela pesquisa, haja vista que maior parte do grupo já fazia parte de um grupo de educandos (as) cativos do CEDECA Sapopemba antes do início da pesquisa.

Quanto ao segundo grupo, ao início e ao final da pesquisa o número relativo à dependência se manteve: *moradia* 100%; *roupas* 75%; *viagens* 50%; *amizades* 0%; *lazer* 25%.

Para tanto, podemos tomar por base o Art. 6º da Constituição Federal de 1988: “Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.” (BRASIL, 2015).

Só é possível ter uma moradia, comprar roupas, viajar e acessar oportunidades de lazer que oportunizem o encontro com o outro ou consigo mesmo, caso haja relação direta com o (acesso ao) dinheiro. Contudo, para ter dinheiro é necessário um emprego. Mesmo que tenhamos identificado um aumento nos indicadores atravessadores, dinheiro e trabalho, isso não possibilitou mudança objetiva dos indicadores deste grupo. Isso indica, por sua vez, que a mobilidade ou a imobilidade em todos os indicadores tenham o trabalho e o dinheiro como determinantes e, tudo isso, seja atravessado pelo modo como o dinheiro e o trabalho se apresentam e como funcionam e funcionalizam a vida das pessoas nesta sociedade. Para ter roupas, viajar e acessar equipamentos de lazer com qualidade, que é diferente de acessar um equipamento de lazer da forma possível, o dinheiro se faz determinante e consequentemente o trabalho. *“Comer ovo por opção tem um gosto diferente/ Quem sempre teve o que quis no prato é claro que não me entende/ Não tem vergonha, cara?/ Comprando mais seguidores do*

que comida pra dentro de casa”¹⁷ (BLACK; DJONGA, 2019).

Nesse sentido, uma libertação objetiva só é possível se estiver atrelada a um desenvolvimento econômico, capaz de propiciar trabalho e dinheiro que, aqui, se apresentam como indicadores pilares em uma organização social pautada pelo capital.

Mesmo que dois jovens tenham chegado ao final do campo com suas carteiras assinadas, objetivamente com uma condição financeira diferente do início da pesquisa, tais números estão longe de serem indicadores de uma mudança objetiva de realidade.

A usurpação do trabalho como base da lógica do capital, frente ao fato desses jovens negros terem ingressado em trabalhos com carteira de trabalho registrada, somado ao fato de uma não mudança significativa de contexto e vidas deles e do grupo de forma objetiva, penso justifica-se a inércia social sofrida por estes jovens negros e, consequentemente, por todos o grupo pesquisado cotidianamente usurpado.

No grupo 3, os indicadores foram, ao início da pesquisa: *educação* 25%. Ao final: *educação* 50%.

Para analisar este grupo, inicio refletindo sobre uma pergunta, feita por meu orientador, Profº. Dr. Roberto da Silva, em de outubro de 2018, já que ambos ficamos *confusos* com os números: “*Se pegarmos onde tem uma diferença mais significativa em termos de dependência na educação, o que explica esse aumento aqui nos dados?*” Esta pergunta talvez esteja atrelada ao conceito de *curiosidade epistemológica* de Freire (1996).

Ao analisar esse indicador, talvez tenha ocorrido de o grupo ter entendido de uma forma, no início, e de outra, ao final. Também é possível que o entendimento da palavra dependência também tenha se modificado, o que nos abre precedente para pensar na relação dos sentidos contidos na relação entre as palavras educação e dependência.

Uma pesquisa que faz uso da produção audiovisual como prática educativa conta com duas grandes áreas de conhecimento que são a educação e a comunicação, ou seja, esta é uma pesquisa intimamente ligada a esse indicador, que não por acaso foi o único que subiu. Em uma pesquisa sobre educação, esta é área de conhecimento que respalda as práticas utilizadas, consequentemente colocando o ato de educar sempre no centro, como base estruturante para as relações estabelecidas na pesquisa. Com a educação no centro das relações, das intenções do grupo pesquisado e do pesquisador naquele momento, foi nela em que deposei maior parte da relevância acerca do trabalho ali realizado com o grupo pesquisado. Assim, a educação quem foi o alicerce principal para a construção do caminho do

¹⁷ BLACK part. DJONGA. *Luto* 2. Produção Azmuth. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fFAECM9OT4k>.

pesquisador ao encontro do grupo pesquisado e promover uma *Confusão*, capaz de causar uma produção de sentido ainda mais profunda.

Nesse âmbito, se o número de estudantes ao final da pesquisa aumentou significa que o sentido da necessidade de estudar aumentou, e isso pode estar atrelado à necessidade de dinheiro e trabalho. Pode ser, também, que a desilusão promovida pela pedagogia edificada nesta pesquisa os fez perceber que para estudar teriam que depender ainda mais de suas famílias e, por isso, o aumento no indicador educação. É importante lembrar que ambos os jovens que alcançaram o ensino superior ingressaram em faculdades privadas.

Por sua vez, a *Confusão* se justifica na medida em que identifiquei que os jovens que ingressaram na faculdade não tentaram como primeira opção faculdades públicas.

3.3.1 Definição sobre Autonomia, Emancipação e Liberdade

Quadro 5 – Entendimento de Autonomia, Emancipação e Liberdade por parte de cada membro do grupo

Autonomia para você é:		Emancipação para você é:		Liberdade para você é:	
Início da Pesquisa	Final da pesquisa	Início da Pesquisa	Final da pesquisa	Início da Pesquisa	Final da pesquisa
L.G. - Conseguir se sustentar e ter uma independência.	L.G. - Capacidade de governar-se pelos próprios meios	Inicial - L.G. - Ficar com responsabilidades mais exigentes sendo menor.	Final - L.G. - Você de prender de si mesmo pra resolver situações.	Inicial - L.G. - Conseguir se expressar sem repressão ou censura.	Final - L.G. - Pra mim liberdade e saber quem nos controla.
M.V - Ser responsável por você mesmo.	M.V - Ter a capacidade de me autossustentar.	Inicial - M.V - Poder arcar com as consequências dos seus atos ainda menos de idade.	Final - M.V - Ser maior mesmo sendo menor.	Inicial - M.V - Ter autonomia para ir e vir quando bem quiser.	Final - MV - Ter o direito de ir e vir sem que alguém me prive disso.
Inicial - B.V - Capacidade de governar-se pelos próprios meios.	Final - B.V - É um conceito que determina liberdade do indivíduo.	Inicial - B.V - Ato de tornar livre ou independente.	Final - B.V - É o direito do menor de poder administrar sua própria vida.	Inicial - B.V - O direito de agir segundo o seu livre arbítrio.	Final - B.V - É quando o indivíduo tem a capacidade de se próprio sustentar.
Inicial - C.C - É você ser responsável por você mesmo.	Final - C.C - E você ter independência seja no que for.	Inicial - C.C - É quando você tem total liberdade dos pais para ser adulto.	Final - C.C - E você ser livre e independente	Inicial - C.C - É você fazer algo sem depender de ninguém.	Final - C.C - É você agir do jeito que achar melhor, uma pessoa que quer fazer as coisas ela vai e faz por

					ser livre.
Inicial - O.G - Você mesmo se sustentar viver em par sem os pais.	Final - O.G - Poder fazer as coisas por si só ou ter iniciativa de algo.	Inicial - O.G - Ficar de maior sem idade.	Final - O.G - Ter mais responsabilidade e responder por todos os seus atos.	Inicial - O.G - Livre para fazer o que quiser.	Final - O.G - Poder pensar e fazer o que quero.
Inicial - L.V - Não depender dos outros para tudo.	Final - L.V - Autonomia seria, por exemplo eu, trabalhando em um emprego fixo bem de vida, conseguindo conquistar minhas coisas pelos meus próprios meios.	Inicial - L.V - Quando nossos pais assinam um papel para nos tornar de maior.	Final - L.V - Emancipação é quando pais tornam filhos menores de idade com direito de adultos, podendo assim comprar tudo o que jovens não podem comprar.	Inicial - L.V - Não depender dos outros.	Final - L.V - Liberdade é uma palavra com vários significados, se encaixa com autonomia.
Inicial - A.J - É quando nós conseguimos fazer alguma coisa sozinho, sem depender de ninguém.	Final - A.J - Poder fazer coisas sem precisar de ninguém.	Inicial - A.J - Não sei.	Final - A.J - Quando nossos pais assina um documento, dizendo que nós podemos fazer algo sem ser menor.	Inicial - A.J - Quando eu tenho decisão de fazer minhas próprias escolhas.	Final - A.J - Ter direito de expressão, e o livre arbítrio de escolher o que eu quero.
Inicial - L.F - Não sei.	Final - L.F - Quando nossos pais assinam um papel para nos tornar de maior.	Inicial - L.F - Quando seus pais não são mais responsáveis por você.	Final - L.F - Qualquer libertação alforria independência.	Inicial - L.F - Brincar e ser livre.	L.F - Poder fazer o que quiser e não ficar preso a nada.
Inicial - M.E - Eu acho que autonomia é algo parecido com liberdade.	Final - M.E - Quando uma pessoa tem a capacidade de resolver suas coisas sozinha.	Inicial - M.E - Para mim é quando o "adolescente" pode fazer as coisas mesmo se ele não é maior.	Final - M.E - Quando uma pessoa, mesmo que seja menor de idade pode fazer suas coisas sozinho e tem responsabilidade e independência.	Inicial - M.E - Para mim liberdade é a pessoa poder fazer o que quiser.	Final - M.E - Quando uma pessoa pode fazer o que quiser.
Inicial - G.N Não sei.	Final - G.N Não sei.	Inicial - G.N - É quando uma pessoa de menor idade pode se virar, viver sozinho sem depender de um de maior.	Final - G.N - É fazer a suas coisas sem precisar de um mais velho caso você seja menor.	Inicial - G.N - Liberdade para mim é poder expressar minhas vontades, dúvidas e ter o direito que eu quiser.	Final - G.N - Liberdade é você poder se expressar sem ninguém pra te barrar ou te julgar.

Inicial - U.S - Poder fazer coisas sem precisar de ninguém.	Final - U.S - É a pessoa ter direito, e liberdade de fazer o que ela quiser sem ser mandada ou vigiada por outras pessoas.	Inicial - U.S - Quando nossos pais assinam um papel para nos tornar de maior.	Final - U.S - É a pessoa ter liberdade e independência.	Inicial - U.S - Ter direito de expressão, e o livre arbítrio de escolher o que eu quero.	Final - U.S - Você poder fazer tudo que você acha que convém a si mesmo sem ser impedida!
---	--	---	---	--	---

3.3.2 Decupagem de palavras-chave

Visto que o núcleo desta pesquisa é a produção audiovisual em contexto de vulnerabilidade como prática educativa libertadora, para realizar a análise de forma qualitativa do quadro acima utilizei o método de cruzamento de palavras-chave junto com a técnica de decupagem¹⁸ utilizada no audiovisual.

Critério 1: palavras que se repetem no vocabulário utilizado para as respostas do grupo pesquisado.

Tabela 1 – Grupo 1: Conjunto de palavras relacionadas à Autonomia

Início da pesquisa	Final da pesquisa
<ul style="list-style-type: none"> • 1 autonomia • 1 governar-se • 2 ser • 1 liberdade • 3 ninguém/sozinho 	<ul style="list-style-type: none"> • 1 autonomia • 1 governar-se • 1 ser • 2 liberdade • 2 ninguém/sozinho
<p>Como podemos notar, foi possível separar 3 categorias de palavras que se repetem dentro do conjunto de palavras relacionadas à autonomia. Nesta primeira categoria de palavras a própria palavra autonomia aparece como uma das que estão dentro do vocabulário utilizado pelos(as) educandos(as) para responder às questões.</p> <p>A repetição é uma forma de <i>retroalimentar</i> a ideia contida na palavra. A autonomia é uma palavra que se <i>retroalimenta de sua essência</i> na medida em que ela aparece no início e no final da pesquisa.</p> <p>Observando que liberdade está entre as palavras-chave que aparece no início e no final da</p>	

¹⁸ Decupagem é o planejamento da filmagem, a divisão de uma cena em planos e a previsão de como estes planos vão se ligar uns aos outros através de cortes.

pesquisa, é pertinente observá-la em seguida.

Se autonomia, emancipação e liberdade são os alicerces da pesquisa e a liberdade aparece no grupo da palavra autonomia, então a liberdade faz parte do alicerce da autonomia.

Sendo assim, uma interpretação possível para esta decupagem de palavras-chave é que não há como alcançar a autonomia sem liberdade.

M.E - Eu acho que autonomia é algo parecido com liberdade.

Esta resposta retirada do quadro ilustra a leitura realizada a partir dessa metodologia. Aqui também cabe falar sobre a presença de uma *Confusão*, pela qual, conforme a resposta, é possível identificar que a colocação realizada direciona a Autonomia ao encontro da Liberdade.

Das palavras que restantes, ninguém/sozinho é a que apresenta maior número de repetições, seguida das palavras ser e governar-se. Ao observar tais palavras, é possível dizer que sozinho/ninguém signifique a busca pela possibilidade de ser, completar-se, governar-se, não de solidão e isolamento.

- 2 conseguir
- 1 poder / 1 capacidade
- 2 fazer / 1 executar

- 1 conseguir
- 2 poder / 3 capacidade
- 3 fazer

Aqui, conseguir está atrelado à chegar a um objetivo e ter capacidade para executar o que for preciso para chegar onde se deseja.

Uma possível interpretação deste conjunto de palavras é que dentro da autonomia é preciso ter um objetivo a ser alcançado, uma meta, pois é isso que irá orientar a execução daquilo que precisa ser feito.

A.J - É quando nós conseguimos fazer alguma coisa sozinho, sem depender de ninguém.

Essa definição ilustra tais reflexões, haja vista que contém duas palavras desse conjunto e uma palavra do conjunto anterior.

- 4 próprios meios / você mesmo
- 2 sustentar
- 1 ter

- 4 próprios meios
- 1 auto-sustentar
- 4 ter

Nesta categoria de palavras, o termo *próprios meios* é quem lidera o número de repetições, seguido das palavras ter e sustentar. Considerando tal vocabulário, a relação entre próprios meios e autonomia está em ter para se autossustentar.

É possível dizer que o termo próprios meios signifique ter o suficiente para se sustentar/autossustentar. Neste sentido, a seguinte frase, retirada da tabela, resume esta categoria de palavras relacionadas à autonomia:

M.V - Ter a capacidade de me autossustentar.

Tabela 2 – Grupo 2: Conjunto de palavras relacionadas à Emancipação

Início da pesquisa	Final da pesquisa
<ul style="list-style-type: none"> • 2 responsabilidade • 2 atos • 2 assinam 	<ul style="list-style-type: none"> • 2 responsabilidade • 1 atos • 1 assinam
<p>Para Emancipação também foi possível identificar três categorias de palavras-chave que, em princípio, aponta uma semelhança na estrutura do vocabulário utilizado pelo grupo pesquisado no que tange às definições dadas sobre os alicerces da pesquisa.</p> <p>Na primeira categoria, a palavra-chave responsabilidade está em primeiro lugar no número de repetições, seguida das palavras atos e assinam.</p> <p>A responsabilidade é o carro-chefe da primeira categoria, é o principal horizonte na relação com a emancipação.</p> <p>Tomando a lei como baliza para a vida em sociedade, a palavra responsabilidade não aparece na liderança do primeiro grupo da emancipação por acaso, mas porque não há como assinar por qualquer ato que seja realizado se não assumir sua responsabilidade.</p> <p>É possível dizer que a emancipação está atrelada diretamente à responsabilidade legal do agir, concedido por uma assinatura de alguém que nem sempre conta com sua humanidade para agir em seu ofício, com sua toga, e isso, por si só, socialmente representa a dignidade humana dentro da lógica vigente. Quem a veste é quem assina a permissão para aquele que ainda não tem idade, mas que já tem que cuidar de sua vida, que precisa legalmente ter direito a cuidar de sua vida assistida ou não pelo Estado.</p> <p><i>O.G - Ter mais responsabilidade e responder por todos seus atos.</i></p> <p>Nesta frase também contamos com a palavra responder, que está ligada à palavra assinam, pois alguém que é menor de idade só pode responder legalmente pelos seus próprios atos após a assinatura dos responsáveis legais por sua emancipação.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> • 3 menor de idade • 1 sozinha • 1 fazer 	<ul style="list-style-type: none"> • 6 menor de idade • 1 sozinho • 3 fazer
<p>Menor de idade é o termo mais repetido do quadro de definições relacionadas à Emancipação, seguido das palavras fazer e sozinho.</p> <p>Tomando a palavra fazer como segunda mais repetida aqui, frente à primeira que é menor de idade, é possível entender que menor de idade i signifique poder fazer menos legalmente.</p> <p>Tendo em vista tal problemática, fazer menos legalmente pode significar ser menos para os adolescentes e jovens, haja vista que vivemos em uma sociedade que é adultocêntrica.</p> <p><i>L.V - Emancipação é quando pais tornam filhos menores de idade com direito de adultos,</i></p>	

podendo assim comprar tudo o que jovens não podem comprar.

Considerando tais reflexões e que vivemos em uma sociedade de consumo, esta frase representa Emancipação no sentido do consumo, do poder em comprar.

- 2 liberdade/livre
- 1 independente/independência
- 1 ser

- 3 liberdade/livre
- 4 independente/independência
- 1 ser

Emancipação e Liberdade fazem parte do alicerce da pesquisa; liberdade aparece aqui como uma das palavras que se repetem.

Com isso, há, aqui, uma *Confusão* entre Emancipação e Liberdade. Ou seja, também não há como falar de processos emancipatórios se a liberdade não estiver presente no discurso e na prática.

As palavras independência e ser, que também compõem esta categoria de palavras-chave, não estão aqui por acaso, mas para ratificar a convergência e a necessidade da liberdade para processos capazes de apontar para a emancipação.

U.S - É a pessoa ter liberdade e independência.

Esta frase aponta como caminho possível à emancipação como um dispositivo legal para a independência de quem ainda é legalmente dependente.

Tabela 3 – Grupo 3: Conjunto de palavras relacionadas à Liberdade

Início da pesquisa	Final da Pesquisa
<ul style="list-style-type: none"> • 6 liberdade/livre • 5 querer • 3 expressão/expressar 	<ul style="list-style-type: none"> • 5 liberdade • 5 querer • 2 expressar
<p>Neste quesito também foram identificadas três categorias. Nele, a própria palavra liberdade é quem lidera o número de repetições.</p> <p>Uma interpretação possível para a liberdade é que ela também se <i>retroalimenta da ideia contida na palavra</i>. A liberdade também se <i>retroalimenta da sua essência</i>, na medida em que ela aparece no início e no final da pesquisa.</p> <p>No mesmo grupo estão as palavras-chave querer e expressar. São palavras que se complementam.</p> <p>O querer é palavra-chave atrelada ao desejo, ao sonho. É possível dizer, então, que há entre liberdade e querer uma busca pela liberdade que é a busca pelo sonhar e, conseqüentemente.</p> <p><i>G.N - Liberdade para mim é poder expressar minhas vontades, dúvidas e ter o direito que eu quiser.</i></p> <p>Pela frase é possível inferir que para a busca real pela liberdade é necessário expressar aquilo</p>	

que se quer, aonde se quer chegar.

Cada vez que escolhemos nos apropriar de nossa existência no mundo, precisamos deixar nítido tudo aquilo que queremos e desejamos para nós mesmos, para que não nos percamos no caminho.

Liberdade ao lado das palavras expressar e querer podem significar que ao quisermos a liberdade para as nossas vidas precisamos expressar ao mundo nosso desejo por ela. Porém, para que consigamos expressar ao mundo nosso desejo pela liberdade, precisamos ser capazes de manter o desejo, o sonho vivo dentro de nós, que vivemos em uma sociedade onde a lógica não negra e genocida do capital está intimamente atrelada à necrofilia e não à vida.

- 3 direito
- 1 poder
- 3 ter

- 2 direito
- 2 poder
- 2 ter

Aqui, ao observarmos as palavras na ordem disposta, uma interpretação possível talvez seja o direito de poder ter, tendo em vista que vivemos em uma sociedade de consumo. Pelo fato de vivermos em uma sociedade de consumo, poder ter é uma necessidade para o exercício da liberdade do ser humano.

A.J - Ter direito de expressão e o livre arbítrio de escolher o que eu quero.

Ao retomar o querer, o desejo, como algo relacionado diretamente ao sonho, e se o sonho representa vida, “... *escolher o que eu quero*” é uma escolha pela vida.

Se existe uma escolha pela vida, a definição de liberdade trazida pelo grupo pesquisado é justamente se contrapor à morte, ou seja, ao Estado posto pela lógica branca, dominadora e genocida. Para tanto, faz-se necessário ter o direito de se expressar e liberdade para poder escolher, pois o cerceamento da escolha de um ser humano de ser, de existir em essência, é um cerceamento de sua humanidade.

- 4 fazer
- 1 agir
- 1 ninguém

- 5 fazer
- 1 agir
- 1 ninguém

A palavra fazer é quem lidera o número de repetições, seguida das palavras agir e ninguém. Fazer e agir são sinônimas. No diálogo com a palavra ninguém, a interpretação possível é o fazer sem interferência ou dependência de alguém.

C.C - É você fazer algo sem depender de ninguém.

Para além de conter as palavras que compõem esta categoria, esta frase é uma representação possível por seu poder de síntese e sua relação direta com a palavra já utilizada em outros grupos, *próprios meios*, que pode ser entendido como por si só. Isto é, para além da relação direta com *interferência ou dependência*, é possível dizer para *ninguém* seria *por si próprio*, que nos levaria para a seguinte frase: *É você fazer algo por si próprio*, que seria o sinônimo de: *É você fazer algo sem depender de ninguém*. Assim, liberdade aqui significa conseguir fazer por si só.

4. COMFUSÃO E EDUCOMUNICAÇÃO

4.1 *O sonho, essência para a busca de horizontes libertadores*

*“Bachelard ao meu querido esposo e filhos
Que outra liberdade psicológica temos nós, se não a liberdade
de sonhar? Psicologicamente falando, é no devaneio que somos
livres.” (FERREIRA, 2013, s/página).*

Considerando o sonho como subsídio para nossa liberdade psicológica, uma forma subjetiva da liberdade, é possível que seja nele que esteja o desejo pela superação da condição de oprimido posta cotidianamente por um Estado opressor.

No sonho e/ou objetivo do grupo pesquisado está a construção de uma nova imagem do Parque Santa Madalena, território marcado pela opressão, mas composto por mentes sonhadoras sedentas pela libertação.

Oprimido e opressor alimentam sonhos em seus âmagos. Contudo, mesmo na similaridade do sonhar, a libertação só pode ser sonhada por quem sofre cotidianamente com a usurpação e não por quem usurpa.

No sonho daquele que usurpa e oprime está a acumulação, o lucro, o desejo por ter mais para ser mais. Assim, o desejo do patrão sempre será ter mais, manter o *status quo*, não necessariamente libertar o empregado da usurpação, que significa o empregado usurpado ter menos em uma sociedade em que ter menos é sinônimo de ser menos.

Dessa maneira, o sonho pela libertação sempre estará entre as prioridades do oprimido, em princípio de forma *incubada* e, no processo, como tomada de consciência e de vivificação. O sonho vira uma projeção, um desejo, objetivo e meta do sonhador oprimido na busca de realidades livres de opressão.

4.2 **Valores Afro-brasileiros, *Comfusão* e Educomunicação: uma forma de interação possível para a produção de práticas educativas libertadoras**

É de fundamental importância, dentro de uma pedagogia que se proponha a ser libertadora, que os valores contidos na prática do educador(a) estejam nítidos e que sejam a estrutura na forma de interação com o outro e em sua cosmovisão.

Partindo de quem sou, de minha história, não haveria verdade em minha prática se os valores afro-brasileiros não estivessem presentes durante o processo. Processo, este, vivido pelo grupo pesquisado e pelo pesquisador durante um período específico, em que ambas as partes lutaram pelo seu reconhecimento, que implica em todas as dimensões de uma pessoa ou de uma comunidade.

Sendo assim, opto por trabalhar com uma práxis educ comunicativa somada a valores afro-brasileiros, significando lutar por um processo de construção de identidade que caminha na contramão dos valores presentes na lógica hegemônica.

Sabendo disso, sempre digo aos meus interlocutores e alunos que o educador das africanidades deve se comportar como um profeta: aquele homem ou mulher que tem por missão curar as feridas, resgatar as identidades jogadas para o inferno, o lixo. Ele tem a missão do Bom Samaritano, [...] homem e mulher que se compadece com a dor do outro, que convive com diferentes entre os mais diferentes (MALOMALO, 2014 p. 75).

Escolher realizar uma pesquisa-ação com um grupo majoritariamente composto por pretos e pardos, residentes de um território que se encontra à margem da cidade de São Paulo, em todos os sentidos, e a partir dos valores civilizatórios afro-brasileiros, é se compadecer com a dor do outro – neste caso, com as dores de cada integrante do grupo pesquisado e com minhas próprias dores.

4.2.1 Circularidade

Todos nós conhecemos o prazer que advém do ato de sentar em roda com amigos para contar histórias, fazer música, brincar com jogos ou manifestar a religiosidade. Os próprios valores civilizatórios são bons exemplos de circularidade. A vida é cíclica. Podemos estar muito bem agora e numa posição ruim depois, até que voltemos a um estado satisfatório. A humanidade inteira permanece unida por este sentimento circular.

O terreiro tem o papel importantíssimo de resgatar a Mãe África, mesmo que através de uma nostalgia, de um lamento. E é esse território representado pelo círculo que vai reaparecer em várias atividades, de cunho religioso e também no espaço lúdico. Essa mesma roda está presente na capoeira, no jongo, no tambor de crioula, na gira da umbanda e no samba. (BRASIL, 2018).

Em todos os encontros, na maior parte dos momentos, a roda se fez presente, no café da manhã, nas atividades, nas conversas realizadas. O relato dos integrantes do grupo pesquisado sobre o cotidiano na comunidade, suas histórias, foi o que trouxe dinâmica para os encontros.

Esse movimento trazido circulava pelo grupo, a partir das memórias e histórias de cada integrante e suas diferentes visões sobre um determinado ocorrido, para daí o grupo, com

seu conjunto de memórias e histórias, retornar à circular pela comunidade. Este é, talvez, o movimento responsável por colaborar na busca pela vida promovida pelos encontros.

4.2.2 Religiosidade

Para a nação afrodescendente, religiosidade é mais do que religião: é um exercício permanente de respeito à vida e doação ao próximo. A propósito, em tempos de tanta violência gratuita, vale pontuar que a vida é um dom divino, de caráter transcendental, e deve ser usada para cuidar de si e do outro. A cada dia acontece uma lição de vida. Aprende-se de tudo, a comunicação com os mais velhos, com os mais novos, o trabalho em grupo fazendo-se o que gosta ou que não gosta; e, sobretudo, aprende-se o gosto pela vida, numa estreita relação com o Orixá. (Mãe Stella) (BRASIL, 2018).

Em meu artigo “Roteiro em Ação” (SANTOS, 2018), falo sobre *pontos empáticos*, que coadunam com as possibilidades surgidas a partir do trabalho no campo.

Na busca de um diálogo fluido com os educandxs, procuro deixar bem nítido no primeiro contato o meu lugar de fala e o tom que costumo dar nos encontros, na perspectiva de dar os primeiros subsídios para que se sintam à vontade e localizadxs para falar, de forma a viabilizar o que tenho chamado de “pontos empáticos”, que são situações em comum entre as histórias dos educandxs, educandxs e educador e educandxs e sociedade.

Para tanto a horizontalidade no diálogo é regra, com a intenção de reconhecer a importância de cada participante do grupo e assim criar um espaço de troca/aprendizado em comunhão. (SANTOS, 2018, p. 50).

O trabalho com os *pontos empáticos* foi um facilitador para transcender o compromisso selado pela pesquisa e colocar todos os envolvidos para caminharem *ao* encontro, não *de* encontro. Tendo a horizontalidade como regra no diálogo, com a intenção de reconhecer o outro, significa reconhecer a si próprio. Reconhecer-se dentro deste processo com o grupo pesquisado foi se reconhecer um ser humano mais velho, que me permitiu assumir uma *postura Griot*.

Em 2017, o mais velho do grupo tinha entre 19 e 20 anos, enquanto eu estava com 39, que me colocava no lugar de um *sujeito mais velho*, mas com minha postura jovial, atento ao cenário musical contemporâneo, detentor de habilidades artísticas e intelectuais. Isso me resguardou um lugar de *mentor* do grupo, que sempre procurei cuidar muito bem. Tal lugar também significava apontar o horizonte, o caminho, que dialoga com o conceito grego de *paidagogós/pedagogia*. Pois, neste processo acompanhei um grupo composto de adolescentes e jovens num percurso em que a relação ensino-aprendizagem se fez presente. Uma das coisas que procurei garantir foi o divertimento dentro daquilo que estávamos nos propondo a fazer, pois sempre procurei deixar muito nítida a importância do trabalho em grupo e a qualidade de realização deste trabalho. Isto, todavia, não tem relação direta com o que foi produzido

objetivamente, com o que foi registrado pelos *smartphones*. Porém, tem a ver, diretamente, com a forma com que esse registro foi planejado e realizado, tendo em vista a qualidade da produção audiovisual como resultado das relações estabelecidas em grupo e auxiliadas pelas orientações técnicas e não o inverso, como comumente acontece no mercado *mainstream* do audiovisual.

Desde o início da pesquisa ficou evidente a diferença na relação de cada integrante do grupo pesquisado com a produção audiovisual propriamente dita. Por conta disso, procurei, na comunidade, no cotidiano de suas vidas, a produção de sentido para o trabalho. Isso porque somente na *Comfusão* entre realidade e desejo é possível edificar trabalhos e relações significativas e que possam colaborar para a transformação de indivíduos e consequentemente de contextos.

4.2.3 Corporeidade

Este conceito nos ensina a respeitar cada milímetro do corpo humano, que deve estar presente em cada ação e em diálogo com outros corpos. As demandas corporais devem ser consideradas. Afinal, o corpo atua, registra nele próprio a memória de várias maneiras, seja através da dança, da brincadeira, do desenho, da escrita, da fala. Das músicas às danças, com tudo o que elas anunciam e denunciam. Os corpos dançantes revelam memórias coletivas.

“Aprendemos que as danças circulam e que o corpo informa sobre a vida de cada dançarino” (Antonio Nóbrega) (BRASIL, 2018).

Para refletir acerca deste valor, cabe resgatar parte da Descrição parcial do campo:

Cabe ressaltar, ainda, que no café os meninos estavam dançando Funk como meninas, rebolando. Dominaram o espaço para dançar, enquanto as meninas se divertiam com a cena. Isso me chamou a atenção por não ser comum tal desprendimento entre os meninos que ouvem Funk devido à presença forte do machismo nesse contexto. Ao que parece, isso só aconteceu por conta dos meninos terem se sentido muito à vontade naqueles espaço e momento, tanto que até filmaram.

Ficou evidente que rebolar, naquele contexto, não chegava perto de ferir a masculinidade de nenhum deles, inclusive aos olhos das meninas que em nenhum momento pareceram colocar isso em questão; pelo contrário, acharam tudo muito engraçado.

Fica patente o tom de brincadeira, de dança e na fala nos encontros; o Funk e o Rap foram as trilhas sonoras oficiais, juntos a outros estilos. No momento supracitado, o Funk foi quem embalou os corpos dos meninos que, sem maiores problemas, divertiram todo o grupo, inclusive o pesquisador, que assistiu a quase tudo – pois isso se iniciou antes de minha chegada.

Se os meninos, naquele momento, dançaram como as meninas, conforme afirmação de uma das meninas, pode-se dizer que eles trocaram de lugar com as meninas, caminharam

ao encontro delas, se *confundiram*, de forma a edificar um corpo coletivo que sorri, canta, pula, fala e rebola, deixando a imagem sobre este movimento específico mais difusa, pois, ali, rebolar era para meninos e meninas e não somente coisas de meninas.

4.2.4 Musicalidade

Famosa no mundo inteiro pela sua qualidade incontestada, a música brasileira tem os dois pés bem fincados no Continente Negro. Quem resiste aos encantos de uma batucada? A musicalidade, a dimensão do corpo que dança e vibra em resposta aos sons só reafirma a consciência de que o corpo humano também é melódico e potencializa a musicalidade como um valor.

“O som é o ponto de partida dos primeiros habitantes do globo terrestre rumo à formação dos primeiros agrupamentos humanos que, no curso da evolução, irão constituir a nossa civilização. A importância da música, da qual o som é a matéria-prima, é superior à descoberta do fogo, ou à invenção da roda ou da imprensa” (Charles Murray) (BRASIL, 2018).

Conforme é possível identificar no conjunto de reflexões desta pesquisa, a música já demonstrou uma relevância muito grande, haja vista as reflexões realizadas, anteriormente, sobre os valores afro-brasileiros.

Partindo da citação acima, de Charles Murray, que tange à importância da música, da qual o som é a matéria-prima, como sendo mais relevante inclusive que a descoberta do fogo ou à invenção da roda ou da imprensa, nos encontros realizados com o grupo pesquisado a musicalidade foi quem colaborou para desenhar o espírito dos momentos em comunhão. Nesta, como corpo que ouve a música da vida, tocada e cantada em cada um dos encontros, a musicalidade ajudou a despertar a curiosidade pelo outro, pelo mundo. Tal curiosidade pode ser considerada de ordem espiritual, daquilo que se é, sua essência.

Espírito, aqui, não tem necessariamente relação com religião, na qual se atrela a palavra unicamente ao “divino”, impedindo que possa se fazer presente em outros segmentos como na ciência ou na academia de forma a não causar estranheza.

Na intervenção que realizei, conforme a Descrição do campo no momento do café da manhã, sobre as músicas selecionadas pelo grupo, pode-se dizer que a musicalidade colaborou para a eminência da face feminista da Pedagogia da desilusão, tendo em vista a intenção da intervenção que fiz: ir contra a depreciação da imagem da mulher e caminhar na direção de uma *equidade musical de gênero*.

4.2.5 Memória

Para despertar o sentimento de afro-brasilidade e, sobretudo, de orgulho ao exibí-la, é necessário mexer no eixo do racismo e da memória: o racismo como algo a ser enfrentado e a memória para que a presença africana que habita em nós possa emergir livremente. (BRASIL, 2018).

O trabalho de produção audiovisual realizado pelo grupo pesquisado foi essencialmente de memória, que se balizou na pergunta orientadora levantada pelo grupo após os primeiros encontros: “*Madalena, que bairro é esse?*” Esta pergunta foi quem orientou a produção do primeiro vídeo do grupo¹⁹.

Não havia outra forma de resposta a não ser pela memória dos próprios integrantes do grupo pesquisado, das suas famílias, do CEDECA Sapopemba e da comunidade onde o trabalho foi realizado. Se este território é prioritariamente negro, não há como a violência e o racismo não se serem intrínsecos.

No episódio 3, *Vontade de sonhar*²⁰, da websérie *Madalena, que bairro é esse?*, está explícita a presença da memória do grupo pesquisado, da mãe de André, personagem escolhido pelo grupo, e da comunidade.

Considerando que é uma história de superação de um adolescente negro, pobre e periférico, esta narrativa elaborada pelo grupo pesquisado pode ser vista como uma forma de enfrentamento ao racismo.

Este episódio finaliza com o seguinte relato da mãe do André: “*Ele ficava na quadra jogava bola à noite e eu trabalhava, as meninas ficavam em casa aí. Levaram ele aqui para Santo André, no clube sabe? Aí ele conheceu um técnico no clube Santo André, foi aí que ele conseguiu algo, levaram ele para vários lugar, Portugal, Geórgia. Ele foi para vários lugar, foi através dessa oportunidade desse clube, foi assim que ele conseguiu algo para ele.*” Como se pode ver, André é um jovem da comunidade do Parque Santa Madalena que conseguiu driblar a opressão do Estado, a partir da habilidade que tem com a bola.

O relato da mãe de André é o relato de uma mulher negra, pobre, periférica, que fala com orgulho sobre a história deste filho que teve uma oportunidade, diferente dos seus irmãos e irmãs que não tiveram a mesma sorte.

No mesmo vídeo ela também reflete sobre a realidade do Parque Santa Madalena, que sofre com a violência decorrente da lógica de um Estado opressor.

Tomando tais memórias como uma narrativa negra, consequentemente de enfrentamento ao racismo, ficamos diante de uma situação que nos aponta uma superação, por parte do André, sobre a forma objetiva da opressão do Estado.

¹⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=3u7wQVooliI>.

²⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=HT0x0fqvg4s>.

Considerando que quem domina os principais meios de produção e de comunicação são os brancos, as narrativas hegemônicas são as narrativas brancas e responsáveis por fomentar o racismo presente na estrutura da nossa sociedade. Por isso, produzir narrativas negras é produzir narrativas contra-hegemônicas.

4.2.6 Ancestralidade

Quando se pensa em ancestralidade, faz-se uma imediata ponte com a história e a memória. Convém não esquecer o passado. Não há fórmulas complexas para vivenciar o que é, de fato, a ancestralidade. Quer provar? Então saia em busca do relato dos mais velhos, que trazem o rico imaginário afro-brasileiro.

“A memória compõe nossa identidade. É por intermédio da memória que construímos nossa história. Ao construir a memória, construímos lembrança, que para existir precisa do outro e necessita ser compartilhada. Assim também é a obra de arte” (Franklin Esparth Pedroso) (BRASIL, 2018).

É na área da expressão comunicativa através das artes, segunda área de intervenção da Educomunicação, que a práxis e os valores afro-brasileiros fazem o diálogo com esta pesquisa que visou promover algum tipo de transformação por ser uma pesquisa-ação.

Já que na comunidade do Parque Santa Madalena está a memória do grupo pesquisado, pelas quais consolidam sua história, é ali onde estão impressas as lembranças de cada integrante do grupo pesquisado. Este conjunto de lembranças é um dos elementos que compõe a ancestralidade desse corpo coletivo.

As brincadeiras nos encontros, por exemplo, trouxe, de algum modo, a presença ancestral daquele grupo, já que o grupo aprendeu todas as brincadeiras com os mais velhos. Considerando que brincar implica correr, pular, cair e levantar, machucar-se também faz parte desse universo. Por vezes fica cicatriz, e toda cicatriz tem uma história, uma lembrança, uma memória. Isso indica que a ancestralidade está presente no lugar, no corpo e no espírito. O espírito presente nos encontros sempre foi orientado pela comunhão, às vezes mais coesa, outras vezes menos. Mas aquilo que já existia, a cada encontro foi ganhando mais maturidade.

4.2.7 Cooperativismo

Falar sobre cultura negra requer usar a palavra ‘coletivo’. Pensar em africanidades é pensar em comunidade, em diversidade, em grupo. Imaginem o que teria acontecido com a população negra num sistema escravocrata se houvessem desprezado o princípio da parceria, do diálogo, da cooperação? E ainda nos dias que corre, nesta sociedade racista excludente?

“Durante séculos os povos da África Central tinham lidado com a diversidade étnica, desenvolvido tradições religiosas comuns e compartilhado formas culturais. Essas habilidades eles as transmitiram para o Brasil, onde utilizaram

indiscutivelmente técnicas similares para lidar com a diversidade cultural” (Karasch) (BRASIL, 2018).

Aqui cabe ressaltar que já havia um corpo coletivo antes de minha proposta de pesquisa. Esse corpo coletivo nasceu como resultado do trabalho realizado pelo CEDECA Sapopemba na região. O corpo coletivo realizou reflexões importantes sobre o ganho de qualidade nas relações do grupo, que pode ser vista no vídeo *Making of* da websérie *Madalena, que bairro é esse?*²¹ Isso permite inferir que já existia uma cooperação entre estes adolescentes e jovens para que pudesse existir um grupo, e que a intervenção promovida pela pesquisa teve êxito, também, naquele momento por conta dessa existência prévia.

O processo de produção audiovisual, propriamente dito, foi o momento em que o grupo conseguiu experimentar e praticar o valor do cooperativismo. Isso porque o tipo de processo que a pesquisa se propôs a promover, de libertação, não seria possível sem que cada integrante do grupo fosse capaz de reconhecer o outro para realizar um trabalho coletivo.

4.2.8 Oralidade

Herança direta da cultura africana, a expressão oral é uma força comunicativa a ser potencializada. Jamais como negação da escrita, mas como afirmação de independência. A oralidade está associada ao corpo porque é através da voz, da memória e da música, por exemplo, que nos comunicamos e nos identificamos com o próximo.

“Griots são contadores de histórias fundamentais para a permanência da humanidade: são como um acervo vivo de um povo. Carregam nos seus corpos lendas, feitos, canções e lições de vida de uma população, envoltos numa magia própria, específica dos que encantam com o corpo e com sua oralidade” (Gregório Filho) (BRASIL, 2018).

Este é um dos valores mais presentes em minha vida, trabalhos e, consequentemente, nesta pesquisa. Pode ser atrelado ao relato da minha história onde falo sobre o Rap e o Hip-Hop como responsáveis por minha entrada no trabalho na área de educação social.

Ao me propor a realizar a pesquisa no Parque Santa Madalena levei meu corpo, quem sou, minha humanidade para aquele território; junto comigo minhas memórias e histórias, elementos que balizaram minha relação com o grupo pesquisado e seu território.

Nossas histórias e as memórias dos nossos territórios sedimentaram o diálogo entre grupo pesquisado e pesquisador. Os relatos do grupo pesquisado acerca da ação do Estado naquele território formaram os *pontos empáticos*.

²¹ <https://www.youtube.com/watch?v=RQMa4x08g3c>.

Ao dialogarmos, falamos sobre nossas experiências de vida, quem somos e etc. Somente dessa forma é possível ver o outro, *confundir-se* com o outro. É por meio da oralidade que elo forte, que sempre existiu, existe e existirá entre os seres humanos.

O registro da oralidade do grupo está em, especialmente, quando “*ouvirmos*” todos os episódios gravados por ele: quem é e qual é o território no qual reside.

Nesse âmbito também está a singularidade do grupo, composta por estes(as) adolescentes e jovens, únicos em sua forma de comunicar e estar no mundo, que foram os subsídios para compor a particularidade do olhar do grupo, que faz parte de um território com vários(as) outros(as) adolescentes, jovens e grupos.

Neste sentido, o processo de produção audiovisual vivido pelo grupo também foi singular, confirmado pelo que foi produzido: uma narrativa específica, coletiva e negra, que permite pensar que a relação ensino-aprendizagem também se deu de forma particular.

A produção audiovisual, visando mostrar histórias de sucesso da região, indica, também, o registro da oralidade do grupo, dizendo que seu desejo era vencer, dentro de um território marcado por tantas derrotas.

Tal “*oralidade audiovisual*”, compreendida como desejo de vencer, é o registro do grupo dizendo que deseja viver; e desejar viver significa acreditar na vida, mesmo que ela esteja dentro de um lógica necrófila.

Sendo assim, aqui temos mais um indicador de êxito da pesquisa: dar vida, como resultado da ideia de animação sociocultural apresentada nesta pesquisa.

4.2.9 Energia Vital

O princípio do axé é a vontade de viver e aprender com vigor, alegria e brilho no olho, acreditando na força do presente. Em nada se assemelha a normas, burocracias, métodos rígidos e imutáveis. Pelo contrário. Tudo é uma possibilidade para quem é guiado pelo axé.

“Perdi os dedos, mas não a força e a vontade de esculpir. Aprendi a usar os joelhos como quem usa os pés. Amarrei os instrumentos às mãos para continuar a trabalhar. Afinal, a criação nasce na cabeça, não na ponta dos dedos” (Heróis de Todo Mundo, programa sobre Aleijadinho) (BRASIL, 2018).

A animação sociocultural, conforme já explanada, categoria que se orienta pelo conceito de *Anima*, de Gaston Bachelard, implica em que Energia Vital seja o valor que colaborou na perspectiva de criação de possibilidades trazidas pela pesquisa, na medida em que ela se propõe a *dar vida*. Por sua vez, *dar vida* é fomentar o desejo de cada integrante do grupo pesquisado que, por mais desiludidos que pudessem estar com o presente, com a realidade que assola a vida de milhões de seres humanos no mundo, não deixaram de sonhar,

pois viver sem sonhar não é viver: é estar no mundo sem ter um porquê; e se não se tem um porquê para estar no mundo, não faz sentido estar no mundo.

Como nos ensina Freire, vivemos em uma sociedade necrófila, que objetifica o ser humano, que rouba o sonho, a vida. Sendo assim, é na Energia Vital, no sonho, na vida, na luta por outra representação da imagem do grupo pesquisado que este valor se fez presente. Contextualizar a violência e buscar histórias de sucesso na comunidade é lutar por uma nova imagem do Parque Santa Madalena, por uma nova vida.

Atualmente, apropriar-se dos meios de produção audiovisual em um contexto de alta vulnerabilidade significa ter alguma possibilidade de recriar a própria imagem, ter mais armas para lutar pela vida em uma sociedade que tira vidas, especialmente no território do grupo pesquisado.

4.2.10 Ludicidade

Entre suas variadas utilidades, os jogos sempre viabilizaram o aprendizado. Também serviram para transmitir as conquistas da sociedade em diversos campos do conhecimento. Quando os membros mais velhos de um grupo revelam aos jovens como funciona um determinado jogo de tabuleiro, por exemplo, eles transmitem uma série de conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural daquele grupo. “Antigamente, o jogo era associado a ritos mágicos e sagrados. Dependendo do lugar, era reservado apenas para os homens, ou para os homens mais velhos, ou, ainda, era exclusivo dos sacerdotes” (Os Melhores Jogos do Mundo) (BRASIL, 2018).

Os jogos e as brincadeiras, conforme já mencionado, fizeram parte de todo o campo da pesquisa. Foi somente por este caminho, pela ludicidade, que seria possível realizar um trabalho que se propusesse buscar um lugar comum para o diálogo e, assim, conseguir “dar vida” para a troca entre as humanidades presentes nos encontros.

Tanto que acabei conhecendo jogos e brincadeiras que desconhecia; ademais, possivelmente existam, entre eles, alguns que são específicos àquele território.

Não por acaso, o episódio piloto e episódio 3, *Vontade de sonhar*, aconteceram em quadras de futebol. No episódio piloto é o lugar onde os meninos estão jogando bola e ocorre o incidente que dá base para a narrativa elaborada pelo grupo pesquisado.

Enquanto aconteciam as gravações na quadra de futebol, várias foram as histórias que o grupo contou sobre a comunidade, pessoas que eles conheciam que moravam próximo daquele lugar e situações que cada um deles viveu.

Vários foram os jogos e brincadeiras que vivi com eles, que confirmam a presença do lúdico. Este foi o valor com o qual mais aprendi objetivamente, tendo em vista o número de jogos e brincadeiras que o grupo conhecia e eu não.

Por meio deste valor podemos usar a concepção de “destempo”, utilizada por Jesus Martim Barbero, que parte da concepção pré-figurativa proposta pela antropóloga Margaret Mead, onde o adulto também pode aprender com a criança ou adolescente, de forma a desconstruir o *castelo das letras* e passa a dar espaço para a imagem como elemento que dinamiza o processo comunicativo.

Sendo assim, o jogo e a brincadeira foram os elementos que possibilitaram encontrar equilíbrio entre os lugares necessários dentro da pesquisa; foram eles que apontaram a possibilidade de estabelecer relações mais horizontais na interação entre grupo pesquisado e pesquisador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia “Roteiro em Ação” (SANTOS, 2018) foi estruturante para a execução desta pesquisa. Foi por meio dela que se deu a necessidade de edificar uma pedagogia que desse conta de delimitar e orientar onde e como tal práxis pode ser transformadora.

Partindo das palavras de Freire sobre a importância de criarmos pedagogias específicas para contextos específicos, para educandos(as) e necessidades específicas, ao edificar a Pedagogia da desilusão a pesquisa caminhou nessa direção.

O território onde a pesquisa foi realizada situa-se na periferia da cidade, sofre com a ausência do Estado nos mais diferentes aspectos, tal como o território onde reside o pesquisador, Jd. Paquetá, Zona Noroeste da cidade de São Paulo. Assim, a pesquisa, de um lado e de outro, foi construída por e com indivíduos excluídos socialmente.

Levando em conta a exclusão social como forma mais violenta da opressão, e considerando que o pesquisador é também um indivíduo oprimido pelo Estado, a Pedagogia da desilusão é uma Pedagogia de excluídos. Assim, a pedagogia de excluídos aqui edificada identifica os negros(as) como vítimas da exclusão, mas não só. No mesmo bojo estão os indígenas e LGBTQI+. E se há excluídos é porque há quem exclui.

Nesta sociedade quem exclui e oprime é o homem branco e hetero, que tem sua hegemonia garantida. É em sua figura que encontramos a mais forte representação da necrofilia, já que em seu sonho não há lugar para a liberdade do outro, consequentemente nem a de si próprio.

Considerando os indicadores trabalho e dinheiro como atravessadores de todos os outros indicadores e que estão intimamente ligados à lógica vigente, não é possível alcançar a liberdade de forma objetiva sem que tais indicadores atravessem o estar no mundo de qualquer indivíduo. Enquanto o capital for a principal lógica para estarmos no mundo, serão seus valores que irão reger a sociedade. Na medida em que ocupam o lugar de dificultador do desenvolvimento econômico de territórios vulneráveis, como o território do Parque Santa Madalena, tais valores serão o principal determinante, atualmente cerceador, da forma objetiva da liberdade dos residentes destes territórios.

Sendo assim, em um contexto de alta vulnerabilidade, como o do Parque Santa Madalena, a produção audiovisual como prática educativa libertadora foi capaz de dar conta de tocar naquilo que diz respeito à forma subjetiva da liberdade, que não depende diretamente de trabalho e dinheiro e sim de desejos e sonhos.

Conforme o objetivo inicial da pesquisa, como um teste de uma metodologia, o

percurso mostrou que, mais importante do que comprovar ou refutar uma metodologia é qual o desejo e/ou expectativa está implícito na metodologia. A Autonomia, a Emancipação e a Liberdade estão na composição do desejo implícito, tomando como premissa as reflexões sobre a pesquisa-ação e da animação sociocultural realizadas nesta pesquisa.

Ao chegar à conclusão e optar por retomar a metodologia dentro do objetivo da pesquisa e seus pilares – Autonomia, Emancipação e Liberdade –, imediatamente remete a uma pesquisa que colaborou na consolidação da imagem do grupo pesquisado, do pesquisador e daquilo que acredito como transformação, como educador que sou.

Educador que aqui se descobriu um *alquimista 4P*, por entender que um *educador 4P* é capaz de transformar dor em vida, pois aqui descobri que este *educador é quem educa a dor*. Por isso tive que conceber uma Pedagogia da desilusão, pois *educar a dor* significa se dispor a lidar com a realidade da vida, todo dia, sem se perder na ilusão impressa no cotidiano.

Isso significa desligarmos a *Matrix*²² e lutar para proteger a grande cidade de *Zion*, nossa identidade, de onde viemos, quem realmente somos. Dessa forma, não falamos aqui de um trabalho que se refere a três anos, mas a uma vida.

De tal modo, só fui capaz de realizar esta pesquisa porque durante a vida me tornei *Pós-doutor* em *educar a minha dor* e, consequentemente, em colaborar com o(a) outro(a) a educar a própria dor.

Em uma sociedade com essa lógica, opressora e cerceadora, somente educando a dor conseguiremos nos manter vivos, para assim tentar conceber e edificar uma lógica de vida que seja capaz de caminhar na contramão da necrofilia. Podemos e devemos criar pedagogias todos os dias, para lidar com o outro e conosco. Porém, enquanto não for criada outra lógica para os seres humanos estarem no mundo, diferente desta posta por parte daqueles que dominam o capital e os meios de produção, aqueles que se propuserem a se desiludir, tomar a pílula vermelha do *Neo*²³, estarão fadados a ser quem educa a dor.

Educar a dor não significa desistir de viver e se acomodar na dor, estar fadado pelo fracasso. Pelo contrário, educar a dor significa, entre tantas coisas, reconhecer as quedas causadas pela opressão, levantar e continuar a lutar pela vida.

Neste sentido, esta pesquisa foi, é e será uma luta pela vida, um encontro comigo mesmo, já que durante o percurso tive a oportunidade de qualificar meu olhar para o outro e, consequentemente, para mim.

²² *Matrix* (Dir. Lana Wachowski, Lilly Wachowski, EUA; Austrália, 1999) é um filme que faz uma abordagem sobre um sistema inteligente e artificial que manipula a mente das pessoas, criando a ilusão de um mundo real enquanto usa os cérebros e corpos dos indivíduos para produzir energia.

²³ Herói do filme *Matrix*.

Retomando o Rap como minha expressão comunicativa a partir da arte, onde está localizada a práxis da pesquisa, nesse processo de formação como pesquisador e ser humano recebi um dos maiores presentes de minha, o convite de meu filho mais velho para escrevermos uma letra de Rap juntos. Escolhemos o nome Dinastia²⁴ para nossa composição, por conta da abordagem ancestral de rua contida na letra, aliada ao fato da minha busca por meu título de mestre ser uma forma objetiva de resistência em busca pela liberdade, dentro de uma sociedade dominada por uma elite branca racista e machista.

Pai, preto, pobre, periférico, sujeito 4p,
Com mais de 4.0 superei a estatística,
Preto mestre, preto zika, firmão, veja você racista,
Que achou que dos vinte eu não passaria. (SANTOS, 2018).

Considerando a inexistência do acaso, este trabalho realizado com meu filho, em fase de finalização e seus desdobramentos, é um resultado objetivo de minha busca por mim mesmo, por quem sou e para onde quero ir, que, independente de onde, sempre vou esperar que o sonho da liberdade esteja comigo e com os meus.

²⁴ Cf. Apêndice C.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BARBERO, Jésus Martin. Novos regimes de visualidade e descentramentos culturais. In: FILÉ, Valter (org.). **Batuques, fragmentações e fluxos**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 83-112, 2000.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade. In: **Magia e Técnica, arte e política** – ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v. I. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENTO, Fabiana; RECHENBERG, Ligia. **Mortes violentas na cidade de São Paulo em 2011**. São Paulo: Instituto Sou da Paz, 2013.

BLACK; DJONGA. **Luto 2**. Minas Gerais. Produzido por Azmuth Beats, 2019.

BRASIL. **Emenda constitucional nº 20, de 15 de dezembro de 1998**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc20.htm. Acesso em: 12.08.2018.

_____. **Emenda constitucional nº 85 de 26 de fevereiro de 2015**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 12.08.2018

BRUNER, Jerome. **A cultura da educação** – A interpretação narrativa da realidade. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **Emenda constitucional nº 36, de 18 de fevereiro de 2002**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc36.htm. Acesso em: 12.08.2018.

_____. **Emenda constitucional nº 90, de 18 de dezembro de 2015**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc90.htm. Acesso em: 12.08.2018.

CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **A cor da cultura. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/oprojeto>. Acesso em: 05.09.2018.

BRASIL. SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **Direitos da criança e do adolescente: Jurisprudência do STF e bibliografia temática**. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/publicacaoPublicacaoTematica/anexo/dca.pdf>. Acesso em: 10.10.2018

CITELLI, Adílson Odair; COSTA. Maria Cristina Castilho. (orgs.). **Educomunicação:**

construindo uma nova área do conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

FERREIRA, Agripina Encarnacion Alvarez. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos bachelardianos**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GLEISER, Marcelo. **A ilha do conhecimento**: os limites da ciência e a busca por sentido. Rio de Janeiro: Record, 2014.

LEMO, José de Jesus Sousa. **Mapa da exclusão social no Brasil**. Fortaleza: Banco Noroeste, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MALOMALO, Bas'ilele. **Filosofia do Ubuntu**: valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento. Curitiba: CRV, 2014.

_____. Epistemologia do NTU: UBUNTU, Bisoidade, macumba, batuque X africana. In: **V Encontro Internacional de literaturas, histórias e cultura africana e afro brasileira**, 2017.

MAQUINY; OROCHI. **Milionário**. Rio de Janeiro. Produzido por KizzY, 2018.

MIELKE, Ana Cláudia. Geledés. Negros estão mais empoderados na internet, mas acesso ainda é desigual, 2017. In: **Geledés**: Instituto da mulher negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/negros-estao-mais-empoderados-na-internet-mas-acesso-ainda-e-desigual/>. Acesso em: 10.07.2019.

MORAES, Dênis. A lógica da mídia no sistema de poder mundial. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, v. IX, n. 2, mai.-ago. 2007.

_____. **RoteiroAção**: uma proposta audiovisual educomunicativa para adolescentes em medida socioeducativa de internação. Monografia (Especialização). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, Jefferson Baptista dos. Roteiro em Ação. In: **Na linha tênue, experiências de arte-educação em privação de liberdade**. São Paulo, Ação Educativa, 2018.

SANTOS, Jefferson Baptista; SANTOS, Caio Henrique. **Dinastia**. São Paulo, Produzido por Duck Jam, 2019.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução Laura Teixeira Motta. Revisão

técnica Ricardo Doninelli Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SETTON, Maria da Graça. Mídias: uma nova matriz de cultura. In: **Educa**: um diálogo para educadores. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

SILVA, Roberto. (org.). **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2009.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina (orgs.). **Educomunicação**: construindo uma nova área do conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011a.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação**. Editora Vozes, Petropolis: 2012.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Pesquisador em verso

Na intenção de tentar qualificar ainda mais a reflexão sobre o processo do pesquisador durante a realização da pesquisa, procurei responder o mesmo questionário que o grupo pesquisado respondeu, ainda que com as devidas adequações.

Perfil do pesquisador

Nome: Jefferson Baptista dos Santos

Data de nascimento: 22/05/1978

Cor/Etnia: Negro

Gênero: Masculino

Redes sociais mais utilizadas: Facebook, Youtube, Instagram

Primeiro contato com o CEDECA Sapopemba: 02/2005

Considerações sobre o perfil do pesquisador

Para além de fazer parte do mesmo grupo étnico que compõe a maior parte do grupo pesquisado, negros ou não brancos, as redes sociais mais utilizadas são as mesmas.

Porém, ao olharmos para a pesquisa é possível identificar algumas diferenças na utilização das redes sociais, que, possivelmente, é decorrente da diferença entre os momentos de vida do pesquisador e dos integrantes do grupo pesquisado.

Carteira registrada

Início da pesquisa

Trabalha com Carteira Registrada?
1 response

Final da pesquisa

Trabalha com Carteira Registrada?
1 response

Considerações sobre carteira registrada

Como é possível identificar, iniciei a pesquisa trabalhando com registro em carteira e finalizo a pesquisa trabalhando, mas sem registro em carteira, fato que penso ser um reflexo do momento em que o Brasil está, de distorção de valores, grande estagnação econômica e de perda de direitos trabalhistas.

Retomando as reflexões realizadas na pesquisa, sobre carteira assinada estar atrelada diretamente ao trabalho e ao dinheiro e que ambos são indicadores que atravessam todos os outros indicadores, o fato de chegar ao final da pesquisa trabalhando sem registro em carteira pode ser colocado como determinante na mudança da minha qualidade de vida durante o período de realização da pesquisa.

Definições de autonomia, emancipação e liberdade

Sobre as definições de autonomia, emancipação e liberdade, penso que estão contempladas nas reflexões realizadas na dissertação.

Quesito avaliação (Qualidade de vida)

Pela necessidade de adaptações para que esse instrumental pudesse ser respondido pelo pesquisador, enquanto neste quesito as respostas estavam relacionadas com o grau de dependência de cada integrante do grupo pesquisado, aqui ele está relacionado à qualidade de vida do pesquisador.

Início da pesquisa

Final da pesquisa

Considerações sobre o quesito avaliação (Qualidade de vida)

Conforme já apontado aqui, o trabalho e o dinheiro são os atravessadores de todos os demais indicadores e todos estão relacionados diretamente à minha qualidade de vida. Considerando a *Comfusão* entre pesquisador e grupo pesquisado, penso que boa parte das reflexões sobre as mudanças nos indicadores passam pelas realizadas na pesquisa.

Sendo assim, inseri um indicador a mais no quesito avaliação, que é o indicador artes, balizado pela necessidade de dar a devida importância para as mudanças em minha qualidade de vida de forma geral, sem perder de vista que toda a práxis da pesquisa foi apoiada na área da expressão comunicativa através das artes, que é a segunda área de intervenção na Educomunicação.

Retomando o início da pesquisa, onde cito que escolho começar narrando minha trajetória a partir de minha relação com o Rap e o Hip-Hop, é por este indicador que tal escolha se ratifica.

Foi no Rap que encontrei a possibilidade da expressão comunicativa através das artes; foi na cultura Hip-Hop que encontrei subsídios para me organizar dentro da cidade onde moro, nos bairros que morei e moro; conseqüentemente o Rap e o Hip-Hop me ajudaram a regular minha mente para que eu pudesse ser quem sou hoje. Ou seja, compor letras de Rap foi o recurso artístico que ajudou a balizar a construção de minha identidade, e hoje é o elemento que compõe este reencontro comigo mesmo emergido durante o processo de pesquisa.

Como é possível ver no gráfico no início da pesquisa, eu não tinha nenhum trabalho artístico em andamento, cenário muito diferente do final da pesquisa, considerando a realização e exposição de um ensaio fotográfico chamado “Mundo particular”, inspirado em meu filho mais novo, Zuri Malik, que fez parte da exposição artística “Intimidade”; a composição, produção e finalização da música “Dinastia”, que canto com Caio Henrique, meu filho mais velho; da música “Adianto”, que canto com meu grande amigo Gangsta Troy; e pelo menos mais 3 parcerias fechadas em composições com outros dois amigos músicos e uma amiga compositora.

Diante disso, penso que todo este cenário artístico do pesquisador seja a confirmação de que é necessário se reencontrar para se libertar, tendo em vista que a busca pela libertação durante a pesquisa não foi somente do grupo pesquisado. Assim, na arte é onde podemos tomar contato com nosso espírito, nossa essência, aquilo que somos.

Entendendo o Rap como minha “arte nativa”. Chegar ao final da pesquisa com tantos trabalhos artísticos em andamento significa a incidência da pesquisa na vida do pesquisador.

Conforme as considerações finais, na qual se diz que um educador é quem educa a dor, foi o Rap e a cultura Hip-Hop que me ajudaram a regular minha mente e, assim, fazer-me conseguir educar minha dor de ter que “matar um leão por dia” para conseguir sobreviver desde que me conheço por gente.

Por isso vejo o Hip-Hop e seus cinco elementos como um grande paradigma composto por quatro grandes áreas de intervenção socioartística, sendo elas Grafite, Break, DJ e MC, com o Rap sendo sua manifestação artística. O quinto elemento, a consciência, penso que seja uma área de intervenção social, que se manifesta de forma objetiva no discurso dos artistas educadores que representam Grafite, Break, DJ e MC.

Tendo em vista o discurso recorrente entre os pertencentes à cultura Hip-Hop, “O Rap salva”, que pode ser encontrado em diversas letras de diversos MC’s, penso que a frase “O Rap salva” possa ser traduzida como o Rap, feito pelo MC que é um dos elementos de intervenção socioartístico do Hip-Hop, que é uma possibilidade de luta objetiva por reconhecimento e ser reconhecido, pode significar ter sua vida salva.

Pesadelos transformo em sonhos,
sonhos em realidade no anonimato as margens,
dessa droga de sociedade.
O Rap salva almas condenadas ao inferno,
disciplina, doutrina equilíbrio,
o nosso próprio conflito interno (TIFU, ANÔNIMO, 2017).

Neste sentido, na cultura Hip-Hop é onde estão os subsídios para que seja possível entender a contemporaneidade do diálogo entre a educação e a rua, lugar onde o Hip-Hop emerge. Pois, neste diálogo, estas ruas, que compõem as comunidades assoladas pela opressão do Estado de forma legalizada, têm suas próprias leis de organização territorial que o Hip-Hop sempre está apropriando, como estratégia de existência.

Eu quero falar de amor, fazer mais amor
Chapar no pré-voo, falar do que aprendi na pista
Dos lugares que eu já fui e que eu vou lucrando pelas madrugadas
Enquanto você dorme, certo e o errado tão lado a lado na rua
Sempre te falei que esse era o meu mundo
E você achava um absurdo
A resposta desse jogo sujo
É do tamanho do mundo
Músicas são tipo forcas
A cada erro um corte
Corra, lute e pense
Mesmo que demore comemore
Viva sua vida do jeito que acha certo
Antes que seu tempo esgote! (OROCHI, 2018).

Mas não somente estratégia de subsistência. A apropriação das leis das ruas se faz necessária para não se iludir e assim se manter desiludido quanto à imagem construída da rua pelo quarto poder, cotidianamente conhecido como a mídia.

Para além da estratégia de subsistência, este corpo de artistas educadores, que educam a partir de suas intervenções socioartísticas, sempre compostas por um forte discurso social, as leis da rua são estruturantes para a problematização daquilo que se deseja ser e daquilo que realmente se é possível ser.

Tempo pra pensar, quer parar
Que cê quer?
Viver pouco como um rei ou muito, como um Zé?
Às vezes eu acho que todo preto como eu
Só quer um terreno no mato, só seu
Sem luxo, descalço, nadar num riacho
Sem fome, pegando as frutas no cacho
Ai truta, é o que eu acho
Quero também, mas em São Paulo
Deus é uma nota de R\$100
Vida Loka! (RACIONAIS, 2002).

Considerando tal cenário, ao observarmos a cultura Hip-Hop de forma geral e sua incidência na sociedade, haja vista os diversos estudos realizados nas mais diversas áreas do conhecimento, é fato sua grande relevância na sociedade e para o entendimento das leis da rua, que são reflexos de uma política opressora e genocida de Estado em que Deus é uma nota de R\$ 100,00.

É no Rap, especificamente, onde está uma sistematização visceral daquilo que é produzido como intervenção socioartística, conforme as letras de Rap produzidas pelos MCs.

A partir dessa conjuntura das ruas, onde o Hip-Hop está frente ao fato que nestas mesmas ruas também estão as escolas, uma das principais instituições responsáveis pela construção de identidade do ser humano, ficamos diante de um paradigma cultural contemporâneo capaz de estabelecer um diálogo com as leis presentes nas ruas e as leis presentes na escola, nas quais, apesar de coexistirem em ambos os espaços, escola e rua, são diferentes e podem variar conforme o território.

APÊNDICE B: *Sujeito 4P*

Sujeito 4P, pai, preto, pobre e periférico,
Arquétipo daquilo que fui, sou e serei,
Mas, sem pretensão de ser profético,
Apenas poético, já que a faixa preta de Gaza superei.
Porém, ainda resido no oriente médio,
Onde no Iraque os feridos compram remédio,
Tem de todo tipo, isso da pra escolher,
O que já não dá é não lutar para sobreviver.
Nesta guerra desigual, atual, que nos afeta,
A meta do oponente é manter tudo como está,
De vítima para vilão os feridos podem passar,
E a arte se transforma em armas no lirismo de um poeta.
Aproveitando o ensejo, palavras já versei
De norte a sul e de leste a oeste vários palcos eu pisei,
As rimas foram o que usei para enxugar o suor do que caminhei,
A rua foi essência, o resto desenrolei.
Me inspirei, naqueles que me deram a vida,
Pois, sem esta dádiva eu não existiria,
Fiz o que pude, e hoje digo quem diria
Que meu presente a eles fosse entrar na academia,
Com minha primeira formação em “Sevirologia”.

Autor: Jefferson Santos

Data: agosto de 2017

APÊNDICE C: *Dinastia*

Pai preto, pobre, periférico, sujeito 4P,
 Com mais de 4.0 superei a estatística,
 Preto Mestre, preto Zika, irmão, veja você racista,
 achou que dos vinte eu não passaria,
 mulekada se liga, somos muitas dinastias;
 Mas ainda somos alvo e não quem dizima,
 Então molecada se liga, somos muitas dinastias;
 Mas ainda somos alvo e não quem dizima,
 Penso no meu filho no pião com os muleke,
 Tudo pelo certo, só sangue bom de pivete
 No baile o bonde é a mil
 várias novinha no Jet, os crush os match,
 hoje é como acontece, né?
 Mas só com fé, pra eu pegar no sono
 Porque “NessaZora” é fatal, eu sempre sonho
 com um Dragão de Komodo, veja só que loko,
 Um lagarto fardado, armado atirando a rodo,
 Pra cima do meu filho pesadelo sinistro,
 Feito um Samurai olho e traço meu objetivo,
 Então empunho a espada e degolo o bicho,
 Empunho a minha espada sem dó e degolo o bicho

Refrão

Periferias, dinastias, querem dizimar
 Mataram nossos heróis, deixaram muitos sem voz
 Em celas as sós, Pra nunca mais voltar.
 Periferias, dinastias, querem dizimar
 Mataram nossos heróis, deixaram vários sem voz
 Em celas as sós, pra nunca mais voltar.

Saúdo o meu pai um grande guerreiro
 Entendo que quem é da nossa cor passa um veneno

Muitos enxergando a meritocracia
Mas não tá na pele de um preto fudido na vida
Desse jeito que as coisas vem caminhando
Geral de óculos escuros dizendo que estão enxergando
E a favela pergunto quem vê?
Vejo a TV, todo hora os menor eles desmerece
E desse jeito que a revolta cresce
Não é mais criança na mídia e pivete
e o fascismo pra bandido assume essa farda
sai da minha reta não sou fã de canalha
Pra você Preto sem dinheiro é sucesso?
Infelizmente estamos na luta
Com dignidade e conduta, disposição
Para arcar com as dificuldades da rua
Maior desafio compreender você mesmo
Analisa se você está bem consigo mesmo
Com frequência a luta contra a manipulação diária
Que tem que se esquivar
Se não se esquivar, você na curva vai ficar.

Autores: Jefferson Santos e Caio Henrique

Data: dezembro 2018